ILUSTRAÇÃO

N.º 283 — 12.º ano

1-OUTUBRO-1937

PREÇO - 5 escudos

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 3o – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Comece o dia com

'OVOMALTINE'

a bebida
que lhe dá a si e aos seus,
saúde e energia

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata
DR. A. WANDER S. A. – BERNE
UNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:
ALVES & C.ª (IRMÃOS) – RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º – LISBOA

À VENDA
o 5.º volume
CAMÕES LÍRICO
(CANÇÕES)
PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**
Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa
1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **14$00**
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o
ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

Como As Bonitas Enfermeiras

Branqueiam a Pele

As enfermeiras sabem que o Creme Tokalon, Côr Branca (não gorduroso) contém agora o creme fresco e o azeite predigeridos, combinados com ingredientes e adstringentes que embranquecem e tonificam a pele. Não sómente elas o recomendam, como também o empregam em si para branquear, amaciar e embelezar a pele.

Êle penetra instantâneamente, acalma a irritação das glândulas da pele, contrai os poros dilatados e dissolve os pontos negros de tal modo que desaparecem logo. Mantém a epiderme mais sêca numa tenue humidade, fresca e aveludada. Apaga o luzídio duma pele oleosa ou gordurosa. As rugas devidas à fadiga desaparecem depois de uma só aplicação.

O Creme Tokalon Alimento para a Pele (Côr Branca) torna, em 3 dias, a pele de uma beleza e de um frescor novos e indescritíveis — e isto de tal maneira que não é possível obter de outra forma. Use-o todos os dias.

Á venda em todos os bons estabelecimentos
Não encontrando dirija-se à AGÊNCIA TOKALON
88, Rua da Assunção — LISBOA
que atende na volta do correio.

À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1938**

39.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 422 gravuras
cartonado... **10$00**

Encadernado luxuosamente... **18$00**

Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

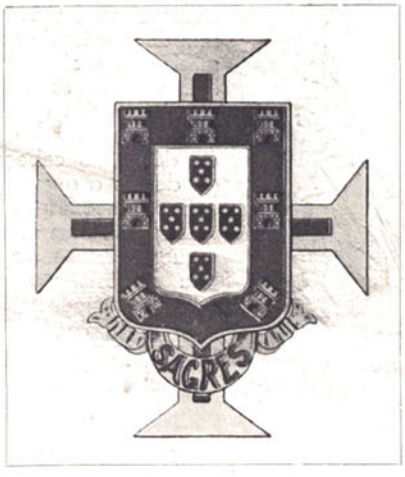
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1936
Esc. 19.048.594$54

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM
A
SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1936
Esc. 13.915.096$56

Seguros agrícolas, Fogo, Marítimos e Postais, Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM
A
SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

---

À venda

AQUILINO RIBEIRO

O GALANTE SÉCULO XVIII

Textos do CAVALEIRO DE OLIVEIRA

1 volume de 324 págs., broc. . . **12$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Novidade literária

ROLÃO PRETO

REVOLUÇÃO ESPANHOLA

ASPECTOS - HOMENS - IDEIAS

Depoimento sôbre a guerra civil espanhola e o movimento da falange nacional-sindicalista

1 vol. de 214 págs. ilustrado, broc., **Esc. 10$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **Esc. 11$50**

À venda em tôdas as livrarias

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Horas sem sofrer...
Horas felizes

Os filhos querem que a mãi esteja risonha e alegre. Por isso a mãi dedicada vive uma vida sem dôres criando assim satisfacção e alegria em inúmeras horas felizes no circulo dos que lhe são queridos.
As dôres de cabeça e de dentes e outros pequenos incómodos da vida quotidiana não conseguem perturbar a sua bôa disposição natural no que é ajudada pela

Cafiaspirina

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, R. Garrett, 75 — Lisboa

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 12

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — Lisboa

À venda a 9.ª edição

D. PEDRO E D. INÊS

«O GRANDE DESVAYRO!»

Romance por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, Esc. **12$00**; pelo correio à cobrança, Esc. **14$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 288 — 12.º ANO
1 - OUTUBRO - 1937

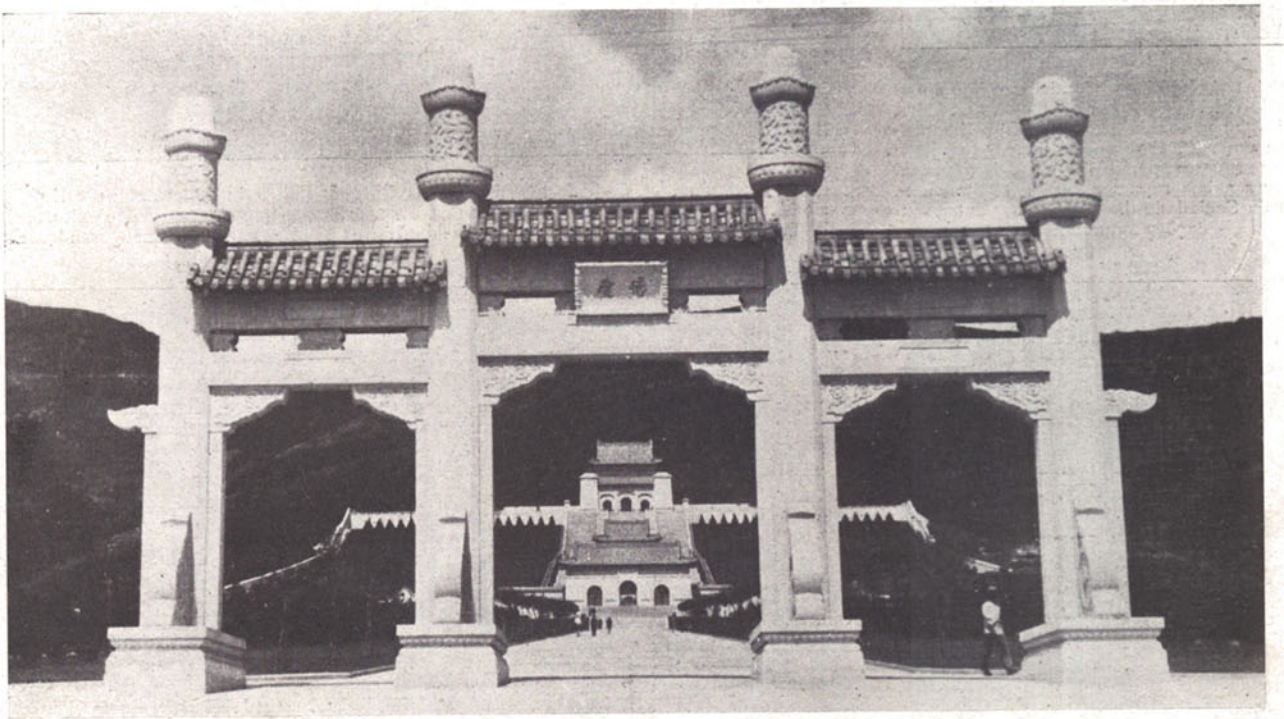
ILUSTRAÇÃO

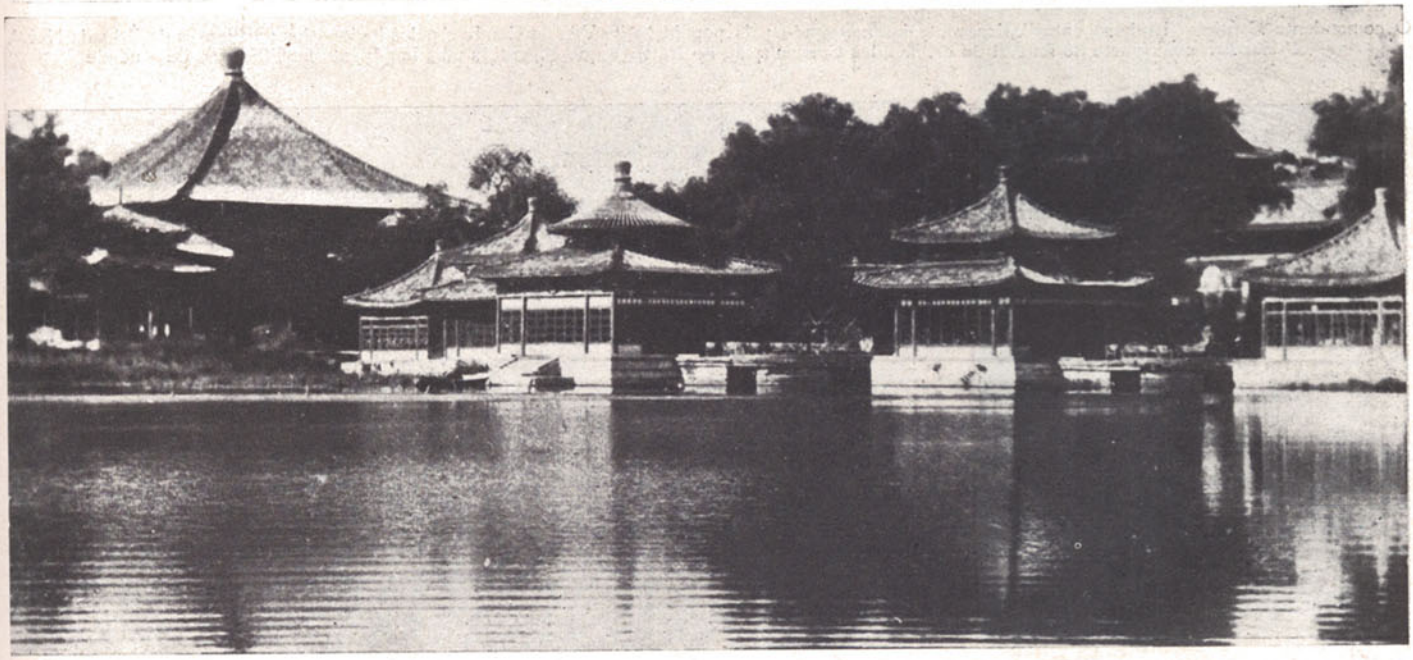
grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

VISÕES DA CHINA





Em cima: O mausoleu de Sun-Yat-Sen, construido no sopé das Montanhas Purpúreas, em Nanquim, e que representa para os chineses a Meca das suas peregrinações patrioticas. *Em baixo:* Os apraziveis caramanchões dos Cinco Dragões em Peiping, que constituem ideais casas de chá no pino do verão, quando não sopra a nortada agreste da guerra

ACTUALIDADES DA QUINZENA

Em resposta às injúrias proferidas contra o nosso País pelo dr. Negrin, o sr. dr. Caeiro da Mata, primeiro delegado de Portugal em Genebra, pronunciou um notável discurso, marcando a justa atitude portuguesa perante a guerra de Espanha. A gravura acima representa o ilustre diplomata saindo da Sociedade das Nações por entre saudações entusiásticas

Como de costume, os floricultores Moreira da Silva & Filhos inauguraram no átrio do Teatro Nacional uma magnífica exposição de flores e frutas do Outono que obteve grande êxito. Na gravura: o sr. general Amilcar Mota, o governador civil de Lisboa e outras entidades, inaugurando a Exposição

O comandante Coutinho Lanhoso entusiàsticamente homenageado pela população de Vila do Conde e pelos legionários portuenses da Brigada Naval. — *A' direita:* um aspecto do funeral do dr. Mendes Correia (pai), no Porto, e que constituiu uma imponente manifestação de saudade

Na cidadela de Cascais foi prestada uma justa homenagem à esposa do Chefe do Estado, tendo a cerimónia sido aplaudida delirantemente por muitos milhares de pessoas que assim patentearam a sua profunda gratidão pela desvelada protectora de tantos desprotegidos da sorte. — *A' esquerda:* o sr. ministro do Interior condecorando a homenageada com as insígnias da grã-cruz de Cristo. — *A' direita:* As senhoras que promoveram a manifestação

AS DELICIAS DO ESTORIL

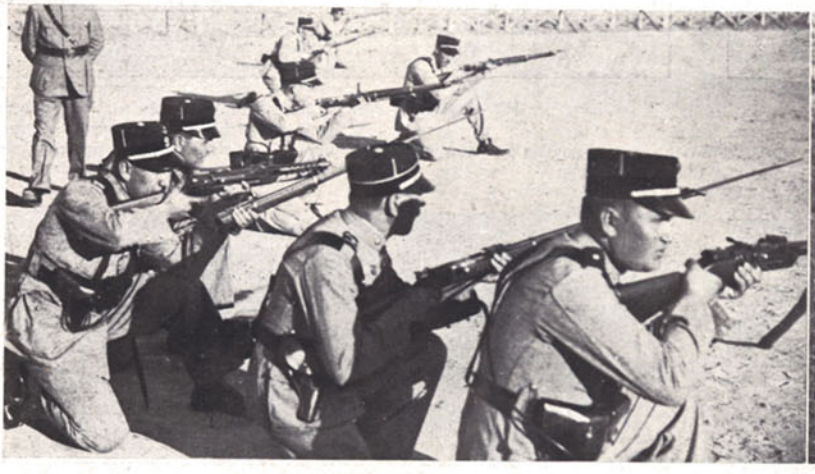
No Wonder-Bar do Estoril realizou-se uma festa imponente que se intitulou «Uma Noite em Portugal» que constituiu um autêntico êxito. As gravuras acima mostram: à esquerda, um aspecto das esplanadas cheias de luz, movimento e alegria; e à direita: a actriz Maria Albertina com os tocadores que a acompanharam. A ilustre artista foi ovacionadíssima em todos os seus números, vendo-se na assistência tudo o que há de mais distinto na nossa sociedade elegante

Um aspecto da assistência ao bânquete da X Conferência Internacional contra a Tuberculose, realizado no Estoril. A' direita: um aspecto da festa «A Noite da Embaixada do Fado» realizada na esplanada do Tamariz e que tão magnífica impressão deixou em tôda a numerosa e selecta assistência. O Fado, como se vê, também sabe ter a sua diplomacia

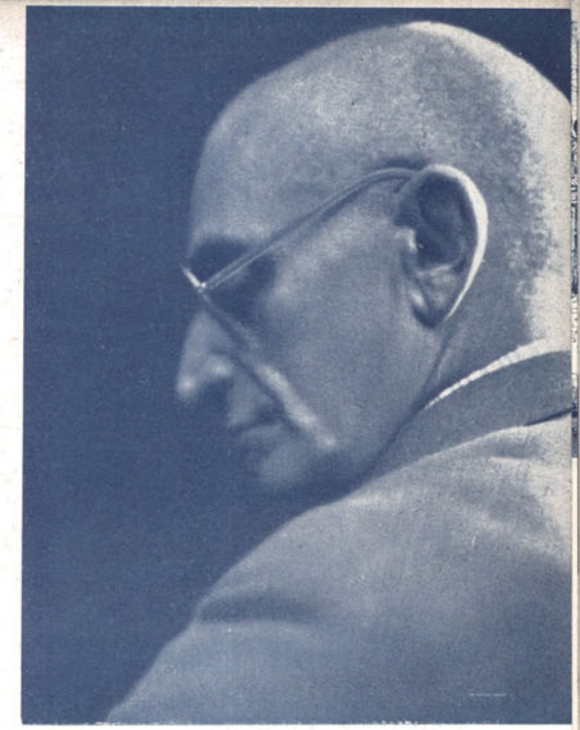
As crianças têm também o seu lugar marcado no delicioso Estoril. A ginkana de tricicles e trotinetes realizada no Casino resultou adorável e encantadora. As duas gravuras acima mostram a satisfação dos pequenitos que daqui, a alguns anos, virão a ser verdadeiros ases do volante, e sempre sem quebrar a linha da mais impecável elegância

NOTICIAS DA QUINZENA

A Polícia portuguesa pode ombrear com as melhores Polícias do Mundo, graças à preparação que está tendo, como se prova nos últimos exercícios da terceira divisão, sob o comando do sr. capitão Maia Loureiro. *De cima para baixo:* Saltos em plinto — Um trecho de exercícios de tiro — Simulacro de revolucionários entrincheirados — A formatura geral da divisão. *Em baixo:* Banquete de homenagem dos cadetes de caçadores 5 ao seu comandante, sr. major Luís Alberto de Oliveira — Visita dos oficiais milicianos ao aviso «Afonso de Albuquerque».



O VIOLÃO DE CATULO



Catulo da Paixão Cearense

CATULO DA PAIXÃO CEARENSE — o poeta excelso do Brasil — não veio nunca visitar-nos por ter medo de atravessar o mar.

Há dois anos, quando o nosso camarada Belo Redondo o entrevistou, o Poeta desabafou francamente as suas mágoas.

Visitar Portugal, seria a realização duma das suas aspirações mais gratas!

E revelou então:

"— Ah! meu amigo... e já lá não vou! Quando era môço não fui por medo ao mar; agora, que já não tenho medo, estou velho... Malheiro Dias, quando trouxe a esta casa Gago Coutinho e Sacadura Cabral, depois da grande viagem que êles fizeram, quís levar-me; mas eu aleguei uma dôr de cabeça. A verdade é que estou velho. O espírito sinto-o ainda môço, mas o corpo... Já não tenho coragem de enfrentar o público e receio que, ao dizer os meus versos, me falte a voz, tenha de parar por causa da comoção. De resto, cada vez sinto mais que, infelizmente, já não sei dizer os meus versos. A minha voz é como a corda quebrada dum violão... Nem ao norte do Brasil já quero ir; se, assim velho, tornasse a recitar em público a multidão voltava-me as costas e dizia: — "Não é êste o homem". Tenho de resignar-me a esperar aqui a minha entrada na Academia de S. Pedro, lá no céu".

Catulo, nesta sua apatia, continua a fazer vaguear o seu espírito cintilante. Foi hábito que lhe ficou da mocidade.

Belo Redondo conta-nos:

"Correu o Brasil de norte a sul, no jeito de quem percorria o seu bairro, dizendo êle próprio os seus versos, todo encantado por saber que o ouviam; mas quando rompiam os primeiros aplausos, fugia... Recitou, de vez em quando, nos teatros, mas preferiu sempre os botequins, as portas das fábricas, os terreiros campesinos. E a tôda a parte, na imortalidade dos seus versos, levou a alma profunda e misteriosa do sertão. Catulo é um poeta culto, com versos académicos, duma suavidade enternecedora, como êsses tão conhecidos em Portugal, do "Luar do Sertão". Mas na história literária do nosso tempo, é principalmente como poeta sertanejo que êle avulta, porque ninguém como êle soube exprimir os sentimentos dos que amam e sofrem no "inferno verde" nas terras ubérrimas, mas terríveis da Amazónia, do Ceará e do Maranhão.

"Júlio Dantas, por quem êle tem uma grande veneração, chamou-lhe o "maior poeta do Brasil"; Luís Carlos escreveu que a musa dêle é "lírica irmã da água da fonte"; Afrânio Peixoto disse-o "o mais brasileiro dos poetas da Brasil". E que todos têm razão prova-o a circunstância de Catulo ser o mais lido dos poetas daqui, o mais lido, o mais popular, o mais amado. Fundiu a alegria e a dôr na paisagem do sertão, através da linguagem mais simples, mais popular, mais pitoresca:

Deus fez o mundo ansim mêrmo!
Enquanto um triste vai indo,
Outro alegre vem chegando!
O pobre veve curtindo,
O rico veve gozando!
Vaincé véje a natureza:
A prantação tá se rindo
Quando a chuva tá chorando!

E quem é que não conhece aquêles versos deliciosos com que encerra o "Marroeiro" do "Meu Sertão"?

Prá riba de mim Deus póde
mandá o que êle quizé!

O mundo é grande, marruêro!..
Grande é o amô!... Grande é a fé!...
Grande é o podê de Maria,
ispôsa de S. José!...

O Diabo tômbém, marruêro,
foi grande!... cumo inda é!!

Mas porêm nada é mais grande,
mais grande que Deus inté,
que uma còrnada dos chifre
dos óio duma muié...

Grande poeta é o Catulo da Paixão Cearense!

Quando Belo Redondo lhe preguntou a idade, respondeu:

"— A falar-lhe verdade, não sei bem... Perdeu-se por aí, nem sei como, a minha certidão de baptismo. Mas, se quere tomar nota, ponha 61, que ninguém duvida. Meu avô paterno, que era português, foi comerciante em Ponte Areia. Meu pai, rico negociante, acabou pobre, por se ter devotado à defesa dum afilhado implicado num crime. De minha mãi, que perdi muito cedo, não me lembro. Tôda a minha família está hoje extinta; se não fôssem os meus versos, ninguém se lembraria de mim, daqui a alguns anos.

"— Como principiou a sua carreira literária?

"— Nasci na capital do Maranhão. Aos dez anos fui para o Ceará e aos dezasseis vim para o Rio de Janeiro. Trouxe comigo saüdades da paisagem, da fala e das gentes do sertão. Salvei-me, felizmente, dos cursos e dos títulos. Estudava por mim tudo o que me interessava. Meu pai estabeleceu-se aqui com uma relojoaria, e eu, todo enlevado nos cajueiros de Copacabana, entregue às *farras* e aos amores, julgava que não era preciso trabalhar. Muitos desgostos lhe dei! Falando ao meu horror pelo mar, êle ameaçou-me, muitas vezes, de me meter na marinha, mas nunca teve coragem de cumprir a ameaça, porque nós éramos do sertão. Morreu em 1885, e só então me apercebi de que a vida sem o seu carinho e o seu amparo, era uma coisa séria. Entreguei-me mais ao estudo, para encontrar uma profissão, que nunca descobri... Aos dezanove anos comecei a fazer mòdinhas que agradaram imenso. Aprendi música, como aprendi a fazer versos: naturalmente. Era um artista no violão, de tal modo que, na ante-véspera da sua morte, meu pai quis ouvir-me tocar. E nunca toquei tão bem como nesse dia!

"Catulo tem os olhos cheios de lágrimas. Mais do que a admiração do velho de hoje pelo moço de ontem, há nele a ternura do filho que perdeu o maior amigo da sua vida. Disfarçamos a comoção que a todos contagia, e o Poeta prossegue:

"— O meu grande feito, aquilo que mais me encanta no meu passado é a rehabilitação do violão. Há trinta anos, o violão era um instrumento mal visto, que não gozava de bom conceito nas famílias e que, por isso, nem nas cozinhas podia entrar. Com Sátiro Bilhar, Quincas Laranjeira e João Pernambuco, nomes que o Brasil inteiro conhece, comecei a tocar em público, acompanhando as minhas mòdinhas. Ah! meu amigo, não queira saber como eu tocava! Só lhe digo que não há menina prendada, de família distinta, que não toque o violão! E foi tal o prestígio que eu lhe dei, que não há orquestra no Brasil que o não tenha!"

Casamento de Luiz VII com Leonor de Aquitânia

NÉVOAS DO PASSADO

AS BARBAS DE LUIZ VII

Terríveis calamidades que um capricho futil provocou

PELA vigésima vez, nessa tarde, a princesa Leonor de Aquitânia assomou a uma das janelas do castelo, no intuito de enxergar, ao longe, a numerosa e brilhante cavalgada, precedida do estandarte das flores de lys, que lhe traria aquêle que tão ansiosamente esperava, e, pela vigésima vez também, depois de ter em vão interrogado o horizonte, subiu os degraus atapetados e deixou-se cair, soltando um suspiro de desapontamento, no seu trono ducal.

Ao verem a impaciência da juvenil suserana, as conversas morreram nos lábios dos cavaleiros, homens de armas, pagens, menestreis e donas, e fez-se um grande silêncio na sala de armas dos duques soberanos de Aquitânia.

A princesa Leonor pareceu abismar-se numa profunda meditação.

Tudo em redor, nessa velha sala de armas, decorada com a magnificência ao mesmo tempo requintada e bárbara do século XII, lhe trazia à memória a recordação dos antepassados que tanto haviam contribuído para a grandeza, poderio e esplendor da Casa, de que, por morte do último duque, ela ficara senhora absoluta.

Naquêle próprio trono vira, muitas vezes, seu pai Guilherme X ao lado de sua mãe, a formosa Leonor de Chatelleraud, receber o preito dos seus nobres vassalos.

Pendentes das vetustas paredes, estava ainda a cota de armas do avô — o poeta cavaleiro que organizara a segunda Cruzada; a lança do visavô — o sempre vitorioso Guilherme XIII que anexara ao património, já tão grande da Casa, a província de Saintonge; e o guante de ferro do remoto avoengo, Guilherme VI, — o terrível guerreiro, cujo poder fizera recuar o próprio rei de França!

Era a êles, aos seus bravos e ilustres antepassados — pensava a orgulhosa duquesa Leonor — que ela devia a honra de ser, naquêle momento, a omnipotente soberana de vastíssimos territórios, tendo direito de vida e de morte sôbre os seus súbditos, a suserana de numerosos e importantes feudos, a senhora indiscutível de imensas riquezas, numa palavra, enfim, uma das mais poderosas e excelsas princesas da Cristandade.

Mas, a lembrança do presente afugentou do seu espírito a recordação do passado.

Dentro de uma hora, duas talvez, *Ele* estaria ali, no castelo, junto dela.

Ele... o seu noivo, o rei de França, que lhe ia colocar na fronte, já aureolada pelo resplendor das pedrarias do diadema de duquesa, a corôa real de ouro macisso, que só descia sôbre a fronte dos eleitos do Senhor!

Rainha, ia ser rainha! — repetia consigo, delirante de orgulho, a altiva e ambiciosa Leonor — Rainha de França como sua tia-avó Adelaide de Aquitânia junto de Hugo Capeto, como Constança de Arles junto de Roberto I, como Ana da Rússia junto de Henrique I, como Berta da Holanda e Bertrade de Montfort junto de Filipe I e como Adelaide de Maurienne junto de Luiz VI.

Rainha, ia ser rainha! — sonhava Leonor — não só pelo direito de nascimento e pela aliança contraída, mas pela graça, pelo espírito e pela beleza.

Não era ela, como afirmavam os cavaleiros, a mais formosa princesa do Mundo Cristão?

Não era ela, como cantavam os trovadores, maravilhados com o seu talento de poetisa, a mais espirituosa dama de França?

Não era ela, como todos proclamavam, loucos de entusiasmo, em verdade, a rainha entre as mulheres?

Passou-se uma hora.

— O rei! O rei! — bradou um pagem debruçado no peitoril duma das janelas.

— Luiz VII!... O rei! — murmurou, enlevada, Leonor de Aquitânia descendo, precipitadamente, os degraus do trono e correndo para a janela.

Ao longe, no meio duma nuvem de poeira, avançava a galope, a numerosa e brilhante cavalgada, precedida do estandarte das flores de lys, que lhe trazia o noivo, o régio e desconhecido noivo que ela já, com a sua ardente e romanesca imaginação de meridional, via sob o aspecto dum esbelto, formoso e cavalheiresco donzel.

II

O dia marcado para a celebração do casamento entre o rei da França e a duquesa de Aquitânia, raiara, alegre e luminoso, como que expressamente feito para as festas nupciais poderem decorrer sob um firmamento de prevínca e ouro. O sol brilhava, esplendia, chamejava, no céu maravilhosamente puro e sereno dessa bela manhã de verão; mas para o moço rei não havia sol nem havia azul. Só havia sombras, brumas e tristezas. Em todos os rostos se reflectia a satisfação e a alegria de viver, menos no régio semblante.

Ao chegar junto das portas do templo, Luiz VII deteve-se, por momentos, cabisbaixo. Depois, com a expressão acabrunhada dum condenado ao subir as escadas do patíbulo, deu entrada na igreja, entre as alas dos nobres castelões da Gasconha, da Saintonge e do Poitou, (que tinham vindo dos seus longínquos domínios para fazerem cortejo à sua suserana) avançou lentamente sob o pálio de veludo, e foi ajoelhar-se ao lado de Leonor de Aquitânia.

Durante alguns momentos, permaneceu imóvel, absôrto numa dolorosa meditação.

— Como ia longe — pensava êle o tempo feliz em que, simples filho segundo, destinado a nunca conhecer os acerbos espinhos da realeza, vivia numa doce tranqüilidade, entregue à leitura dos autores clássicos e às profundas meditações religiosas. Mas, um dia, o irmão primogénito morrera num desastre de caça e haviam-do ido arrancar à sua amada solidão, para o associarem à coroa e, pior ainda, em nome da imperiosa razão de Estado, tinham-no constrangido a pedir a mão da herdeira do ducado de Aquitânia, a fim de anexar ao domínio real êsses vastos territórios. Quando, pela primera vez, lhe falaram em tomar mulher, todo o seu virginal e místico ser se revoltou. Recuara horrorizado, como se visse escancarar-se a seus pés um abismo infernal, mas tivera que se resignar, anuír ao enlace — e ali estava ajoelhado aos pés do altar, ao lado daquela desconhecida.

Cerimónia de homenagem feudal

A cerimónia começou.

Eram totalmente diversos os estados de alma dos dois nubentes.

Enquanto o bispo, revestido do seu roçagante pluvial e mitra dourada, pronunciava a exortação, Leonor, já um pouco refeita do desapontamento que sofrera ao vêr a mesquinha aparência e o ridículo enleio do rei, remirava-o, complacentemente, e percorria com a vista a brilhante assembleia, numa atitude de sem-cerimónia e irreverência como se estivesse num torneio. Os olhares masculinos, repletos de admiração que se iam cravar nela, diziam-lhe, duma forma bem clara, que estava linda, fascinante, irresistível, no seu trajo de alva mussselina do Oriente e com o seu manto de veludo e arminho; que mulher alguma poderia competir com ela em elegância e beleza, e que jamais a corôa de ouro refulgente de pedrarias, assentara sôbre uma tão formosa fronte.

O prelado continuava a exortação, falando do futuro, dos dias a viver em comum, duma maneira cristã, citando-lhes o exemplo da união que Jesus contraíra com a igreja.

Mas a frívola e leviana princesa, sem prestar a menor atenção ao discurso em que o bispo lhe recomendava que tivesse sempre para o rei seu espôso, a ternura de Raquel, a prudência de Rebeca e a fidelidade de Sara, pensava na sua próxima entrada solene em Paris, nas cerimónias da coroação, na côrte que tencionava organizar a seu modo, nos festins e nos torneios a que iria assistir, nos belos mancebos que por suas mãos armaria cavaleiros e nos loucos entusiasmos e desvairadas paixões que, inevitavelmente, despertaria nos corações masculinos...

Por sua vez, Luiz VII, olhava de soslaio a noiva, cada vez mais triste e preocupado. Aquela mulher era bela, sim, dessa beleza mágica e fatal como devia ter sido a de Cleópatra, mas tudo nela, desde a graça provocadora do seu corpo até à volúpia que as púpilas reflectiam, lhe desagradava em absoluto. Era bem a mulher, o monstro citado nas Escrituras, o mais perigoso instrumento de Lucifer!

Tôdas as suas prevenções contra as filhas de Eva lhe acudiam ao espírito. Dir-se-ia que, uma a uma, as palavras dos sábios, filósofos e doutores da Igreja que, em vida, tinham anatematizado a mulher, lhe passavam diante dos olhos em caracteres de fogo!

Armamento dum cavaleiro pelas damas

As mulheres são uns animais insuportáveis. Se elas não existissem, viveriamos com os deuses, dissera Catão. *Mulheres, nascer duma e fugir de tôdas*, escrevera Santo Agostinho. *A mulher é sempre um ente impuro*, declarara S. Paulo. *A mulher é mais forte do que Satanaz. Este não conseguiu fatigar a paciência de Job. A sua mulher, porém, obrigou o Santo Patriarca a amaldiçoar a vida*, concluira Cornélio Agripa. *Desejaria que a raça humana se propagasse sem o auxílio da mulher a fim de o homem se vêr livre de introduzir essa peste no seu lar*, raciocinara Eurípedes. *A alma da mulher tem o sêlo do dedinho do diabo*, afirmara S. Cipriano.

Ego conjungo vobis in matrimonium, in nomine Patri, et Filii, et Spiritus sancti — murmurou, docemente, o prelado, unindo as mãos dos noivos. Depois, abençoou o anel, símbolo da eternidade, dizendo: *Benedic, Domine, annulum hunc*... Leonor estendeu a sua nívea mão, de longos e afuselados dedos, semelhante a uma heráldica flor de lys, e, quando, após as orações finais, o bispo de novo os exortou, Luiz cerrando as pálpebras, murmurou para consigo:

— Meu Deus! Se é verdade, como disse Hipócrates, que *as mulheres são perversas por natureza, e*, como acrescentou Esquilo, que *elas constituem o principal flagelo da família e do Estado*, o que vai ser de mim na companhia desta criatura?!

III

Ao longe, ouvia-se ainda, embora amortecido pela distância o ruído da alegre cavalgada e o som grave e triste da trompa de caça tocando à morte do veado.

A rainha de França, que desistira de seguir a caçada, a fim de poder galopar livremente, na companhia do formoso conde de Anjou, pelos mais recônditos recessos da floresta, sofreou, ao chegar a uma espaçosa clareira, o seu cavalo, e disse sorrindo, com o mais provocador dos seus sorrisos, para o seu jóvem companheiro:

— Devem julgar-me perdida, conde.

— Amo-vos amo-vos — disse êste, numa voz trémula de emoção, levando aos lábios a mão de Leonor — como nunca julguei que se pudesse amar. Sois a alma da minha alma, a dama dos meus pensamentos, a estrêla da minha vida!

— Desde quando? — sorriu, incrédula, Leonor de Aquitânia.

— Desde o primeiro instante em que vos vi. Lembrais-vos? Desde aquela tarde em que, no decorrer da cerimónia de homenagem que prestei pelo condado de Anjou e pelo ducado da Normandia, ajoelhei aos vossos pés, ó minha rainha bem-amada!

Porque não quiz o destino que eu vos tivesse encontrado mais cedo — continuou, amargamente Henrique de Anjou — no tempo em que ereis livre, antes que *êle* houvesse surgido no vosso caminho! Mas talvez — acrescentou, com um suspiro de mágoa — aquela a quem apresentavam a corôa de rainha desdenhasse o simples diadema de duquesa que lhe ofereceria Henrique de Anjou, neto de reis, legítimo rei dum trono que um usurpador ocupa, mas sem possuir uma autêntica corôa real para lhe fazer compartilhar!

Leonor de Aquitânia abanou docemente a cabeça, e, após um curto silêncio, acabou por lhe responder:

— Corôa de rainha de França, condados de Poitou, da Gasconha e da Saintonge, todos êsses territórios que fazem de mim a mais poderosa soberana da Cristandade, tudo isso conde, eu teria dado por um marido que me tivesse amado, como eu queria ser amada, que não fugisse de mim, que não me abandonasse; em suma, que vivesse um pouco para mim. Um marido como vós haveis de ser um dia, Henrique, para aquela que desposardes quando tiverdes esquecido, por completo, a infeliz Leonor de Aquitânia.

— Não! — exclamou veementemente o jóvem cavaleiro — Henrique Plantagenet, conde de Anjou, duque da Normandia e futuro rei de Inglaterra, só terá uma espôsa, uma condessa, uma duquesa, uma rainha — Leonor de Aquitânia. Outra, nunca na vida!

— Esperanças loucas, esperanças loucas que se não devem alimentar — replicou a rainha — Luiz VII é novo e tem largos anos diante de si...

— Não é só a morte que pode desligar-vos dos juramentos que fizesteis ao rei — exclamou êle com os olhos fulgurantes de alegria. — A igreja também pode quebrar os laços que vos prendem. Não sois vós e Luiz VII parentes dentro dos graus proïbidos?

— E' verdade! — respondeu, vivamente, Leonor, — pela união de Hugo Capeto com uma princesa da Casa de

A batalha de Azincourt

Aquitânia. E o nosso casamento celebrou-se sem a dispensa necessária!

— Então é um completo incesto. Deveis pedir a anulação do enlace!

— Oh! Não posso! Não devo! Amo-vos muito, Henrique, sois o único raio de sol que ilumina a minha pobre existência, mas sinto que não posso, que não devo — objectou já debilmente a rainha — isso causaria o maior dos escândalos . . .

IV

Por uma bela tarde de primavera, a rainha Leonor de Aquitânia estava sozinha nos seus aposentos particulares, no palácio real, corrigindo os versos da última balada, que compusera inspirada no doce colóquio que tivera, na floresta, com o gentil conde de Anjou, quando o ruído de passos lhe fez levantar a cabeça.

O pagem de serviço apareceu no limiar da porta e anunciou:

— O rei!

Leonor ergueu-se da sua poltrona, e ia a curvar-se numa profunda reverência, como o exigia o cerimonial da côrte francesa, quando o aspecto horrível que o rei apresentava com a barba e os cabelos completamente rapados, a petrificou.

— Senhor! o que tendes? — preguntou em voz cava. — Porque motivo se vos desfeasteis dessa maneira. Estais doente? Ataca-vos alguma febre maligna?

— Nunca me senti tão bem — balbuciou Luiz, embaraçado. — Mas, para salvar a minha alma... entendi que devia cortar o cabelo e a barba.

Perante esta inesperada confissão, a rainha levantou-se, como uma pantera ferida, e cresceu, furiosa, para o marido, de punhos crispados e dardejando cóleras do olhar.

— Cortar a barba e o cabelo, a vossa única beleza! — exclamou numa voz fremente de indignação. — Estais feíssimo, hediondo, ridículo! Todos os vassalos se vão rir da vossa pessoa!

— Não importa — replicou Luiz VII com a maior placidez. A minha consciência...

— Que tem a haver a consciência com as barbas, não me direis? — indagou severamente Leonor. E nem sequer tivesteis a ideia de me pedir autorização para vos tosquiardes. Haveis de deixar crescer as barbas! Mando eu!

— Senhora, permiti-me que vos lembre que sou o rei. Aqui, apenas eu tenho o direito de dizer: Eu quero! — redarguiu Luiz VII. irritado com o tom peremptório da esposa — Cortei a barba porque decidi despojar-me de tudo quanto me inspirasse vaidade. Lembrai-vos das palavras do Eclesiastes: *vaidade de vaidades, tudo é vaidade.*

E, além disso, que direito tendes de vos intrometerdes na minha vida e nos casos da minha consciência?

— Sou a vossa mulher, a vossa rainha e não uma concubina — replicou altivamente Leonor de Aquitânia.

O rei voltou as costas e ia já a retirar-se, quando a rainha, prestes a chorar como uma criança, correu em seu alcance e lhe agarrou pelas vestes.

— Luiz, peço-te, deixa crescer a barba! Dize, querido, dize: quem foi o maldito que te sugeriu essa ideia? Dize-me o nome dêle, pois quero mandá-lo açoitar! Vilão! Traidor! Aconselhar o seu rei a, por sua livre vontade, tosquiar-se, quando a rainha Clotilde, mulher de Clovis, preferiu ver os seus netos antes mortos que tosquiados! Ouve-me, Luiz, ouve-me! *Não rapareis a barba*, diz Moisés, em nome de Deus, nos conselhos do seu Levítico, e tu rapas a barba! Os romanos, de que tanto admiras os feitos, consideravam a barba um símbolo tão nobre da sua virilidade que, por ocasião da tomada de Roma pelos gauleses, o senador Papiro, que estava sentado na sua cadeira curul, não podendo tolerar que um dos invasores lhe passasse a mão pela barba, tratou de se desafrontar dessa falta de respeito, embora soubesse que dessa desafronta lhe resultaria a morte! E tu rapas a barba, Luiz! Os espartanos impunham a perda da barba aos guerreiros que tivessem a cobardia de fugir no combate, e os habitantes de Creta infligiam a mesma penalidade aos ladrões e aos incendiários! E tu, um soberano, um tão afamado guerreiro, cortas a barba! Padres da Igreja houve, veneradíssimos, tais como S. Crisóstomo, S. Jerónimo, Santo Ambrósio, S. Clemente da Alexandria que defenderam acaloradamente a majestade da barba, e tu, o rei de França, o filho mais velho da Igreja, acabas de te despojar dêsse ornamento por tuas próprias mãos! Oh! Promete-me, jura-me que deixarás crescer o cabelo e a barba!

— A minha resolução é inabalável — respondeu Luiz VII arrancando-se aos braços da esposa — Inabalável. De mal ficarei convosco e com os meus cavaleiros, mas de bem com Deus e com a minha consciência!

— Não discuto mais — declarou Leonor de Aquitânia, lívida de cólera. Fique Sua Majestade com o seu queixo e a sua cabeça rapados. Curvo-me, respeitosamente, em face dessas resoluções inabaláveis, mas, como sou uma mulher livre e uma princesa soberana, como pareceis esquecer, vou também exprimir algumas resoluções igualmente inabaláveis.

Há quinze anos, nas vésperas de nos casarmos em Bordeus, deviam ter-me prevenido, lealmente, de que era a um frade e não a um homem que me iam unir. O que foi a nossa vida em comum, tôda a gente o sabe para eterna vergonha minha! Dentro das paredes dêste palácio acordei rainha de França, é certo, mas desprezada, abandonada, odiada quási, por aquêle que me devia estima, respeito e amor! Hoje, porém, não estou disposta a suportar por mais tempo essa triste existência. Amanhã mesmo, pedirei a anulação do nosso casamento. Restitui-me a minha liberdade e os meus domínios, e arranjai a vossa barba como vos aprouver!

V

A 18 de Março de 1152, o concílio de Beaugency pronunciava a dissolução do enlace entre Luiz VII rei de França e Leonor I, duquesa soberana de Aquitânia.

Seis semanas mais tarde, a bela divorciada unia solenemente o seu destino ao do formoso conde de Anjou. Dois anos depois, o fogoso cavaleiro subia ao trono de Inglaterra e reunia sob o seu ceptro, além da Grã-Bretanha, da Normandia e do Anjou, tôdas as grandes províncias francesas que a esposa lhe trouxera em dote.

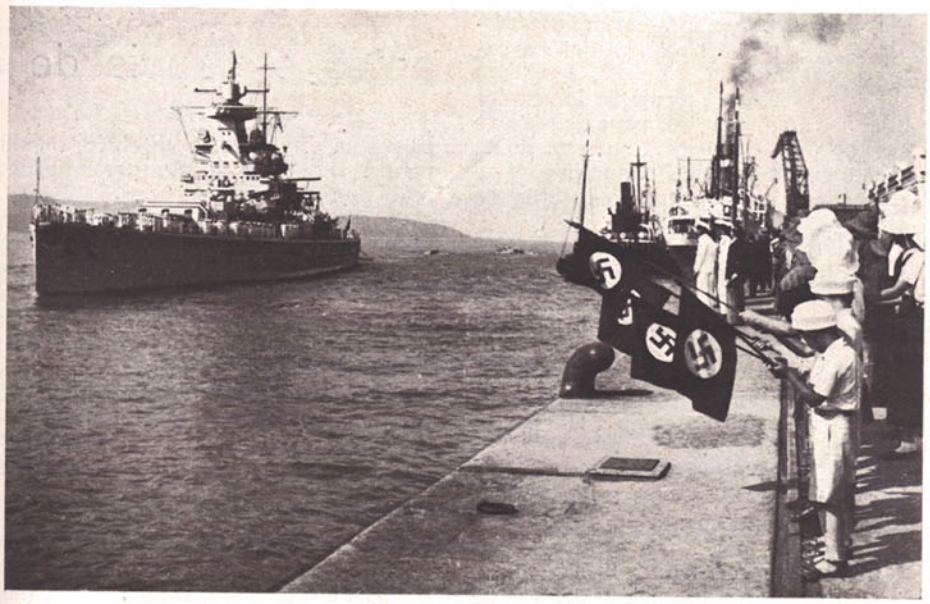
E, assim, por causa duma teimosia insensata, perdeu o rei de França a Gasconha, a Saintonge e o Poitou, os três mais belos florões da sua corôa, que passaram para as mãos dos ingleses.

Daí, vieram as guerras que durante três séculos devastaram a França. Dai, resultaram para os franceses as derrotas de Crecy, Poitiers e Azincourt. Pereceram quási três milhões de franceses e perto de outros tantos ingleses.

Tudo isto, porque um rei fraco de espírito e uma rainha leviana e caprichosa se tinham arrenegado a propósito dum córte de barba...

EUNICE PAULA.

NOTAS DA QUINZENA



O navio almirante «Scheer» da frota alemã em águas espanholas visitou o Tejo, tendo arvorado a insígnia do contra-almirante Fischel que saudou as autoridades portuguesas. A' esquerda: O «Scheer» atracando à muralha da Rocha do Conde de Obidos. — A' direita: O contra-almirante Fischel saindo do Palácio de Belem

A colónia balnear da Cruz Quebrada manifestando o seu entusiasmo por ter começado o tão ansiado estágio naquela praia. Alegres e chilreantes como pardalitos vêem realizada uma grata aspiração esperada durante tantos meses

O cortejo do Trabalho Nacional atravessando imponente as ruas do Pôrto. — A' direita: Os 76 casais de trabalhadores integrados agora na organização familiar do Estado Corporativo. Realizou-se uma sessão solene no Palácio da Bolsa que constituiu um espectáculo de rara imponência

Laura de Permon, noiva de Junot

SEMPRE que se fala em Napoleão Bonaparte, é uso vir a citação das "Memórias» da duquesa de Abrantes como documentação irrefutável de qualquer facto duvidoso, visto aquela dama ter-se na conta de "conhecer melhor que ninguém» o famoso corso.

E, no entanto, nada mais falso. A extensa narrativa da viuva de Junot, foi traçada, como seria de calcular, a seu modo, dando às coisas e aos factos o aspécto que mais lhe convinha.

Além da verdade histórica aparecer torcida, por vezes, como um arrôcho de almocreve, acresce ainda o terem sido omitidas, com exemplar discreção, as cênas capitais dessa vida movimentada, e, para maior arrelia, nos pontos que mais nos poderiam interessar.

A entrada da casa de Laura Junot em Paris

Assim, as "Memórias» da duquesa de Abrantes, aliás Laura de Permon, fôram engendradas, não só para angariar meios de subsistência, mas para satisfazer a vaidade que nutria por umas nobrezas imaginárias, impertinentemente alardeadas através duma tão longa quão aventurosa existência.

Dizendo-se descendente do imperador bisantino Comneno, por parte de sua mãe que, no fim de contas, não passava duma aventureira, Laura de Permon julgava-se com direitos a ostentar uma corôa de princesa.

Na impossibilidade de satisfazer a sua aspiração, teve de contentar-se com o título de marquesa de Abrantes, levado entre os roubos praticados em Portugal por seu marido Junot.

Usando êsse título com o maior orgulho, Laura não se preocupava que êle tivesse sido roubado como a famosa Bíblia dos Jerónimos.

E, aludindo a êste valioso manuscrito, julgamos oportuno acrescentar alguns pormenores curiosos:

Junot, tendo chegado a Lisboa com o seu rebanho de maltrapilhos, tratou logo de se apoderar de tudo o que fôsse portátil e precioso. Durante a sua permanência em Portugal como ministro plenipotenciário de França, ouvira falar da magnífica Bíblia dos Jerónimos, cujo valor era incalculável. Nessa altura, não lhe era fácil deitar-lhe a mão, sem correr o risco de ser filado pela polícia. Aguardou, portanto, o momento. Logo que entrou em Lisboa como invasor, pretendeu evitar a violência do puxão que nos arranca a bolsa, e recorreu, o mais delicadamente que lhe foi possível, ao conto do vigário. Fingiu-se então um amador de preciosidades artísticas — êle que mal sabia assinar o seu nome! — e mandou pedir cortezmente ao abade do mosteiro dos Jerónimos que lhe fôsse emprestada a famosa Bíblia que ali se guardava, pois desejava estudá-la minuciosamente! O zeloso sacerdote, adivinhando o lôgro, escusou-se a satisfazer o pedido, visto ser necessária uma carta régia que assim o ordenasse, sem o que a Bíblia não poderia saír do convento.

É claro que o bom do abade, ao elaborar a sua escusa, julgava estar lidando com um homem honrado, consciencioso e limpo, e não com um dos mais refinados larápios a soldo de Napoleão. Se pudesse prever as conseqüências, limitar-se-ia a ocultar a famosa Bíblia em lugar seguro, e a declarar ser impossível satisfazer o pedido do senhor Junot, visto D. João VI ter levado na sua bagagem o precioso manuscrito, quando se safára para o Brasil. Como esta, poderia arranjar mil e uma desculpas aceitáveis. Mas, como homem sério e incapaz duma infâmia, disse a verdade, escudando-a com as mais aceitáveis imunidades.

Junot tirou então a máscara da delicadeza, e mandou uma ordem peremptória pelo seu ajudante de campo. Em face da fôrça bruta, o abade dos Jerónimos teve de obedecer, e, assim, a Bíblia passou para as mãos do general invasor que a guardou no lugar mais seguro da sua

COMO LAURA DE PERMON AMAVA

antes e depois de ser a «duquesa de Abrantes»

bagagem. Em Agosto de 1808 seguiu para França com outras preciosidades roubadas.

Após a queda de Napoleão, o Govêrno português, confiado no espírito de justiça de Luís XVIII, reclamou a restituição da Bíblia, sendo encarregado de entabular estas negociações o nosso ministro em Paris, conde, depois duque de Palmela. Apesar da boa vontade e activa solicitude do ilustre diplomata, surgiram várias dificuldades. A viuva de Junot recusava-se terminantemente a entregar o roubo, alegando não poder dispor dêle, visto ser pertença de seus filhos! Ainda assim, a petulante Laura de Permon que teimava em usar a alcunha de "duquesa de Abrantes», apresentava uma maneira prática de solucionar o caso: o roubado, isto é, o Estado Português compraria o objecto pela módica quantia de 150 mil francos. É de crêr que o receptador dos roubos de Junot nem esta bagatela quisera dar... No entanto, Laura salientava que, se propunha uma tal transacção, era tão sòmente para ser agradável e pela mais delicada condescendência.

Já era preciso topete!

Por seu lado, ao govêrno francês repugnava constranger a senhora de Permon a restituir gratuitamente o roubo de seu marido!

Ainda assim, Palmela não desanimou nas suas negociações. E, com a colaboração do marquês de Marialva, do comendador Francisco José Maria de Brito e de Timóteo Lecussan Verdier, conseguiu convencer Luís XVIII da absoluta justiça da reclamação apresentada.

O rei da França, para evitar mais complicações, mandou o conde de Blacas saber o mínimo preço que a viuva de Junot fazia à Bíblia rapinada por seu marido. Depois de muito regatear, como se duma pescada se tratasse, foi fixada a quantia de 80 mil francos que foi paga pelo bolso particular do rei.

Junot

E assim se fez a restituição do precioso manuscrito.

Isto bastaria para definir os sentimentos dessa mulher, se outras razões não impuzessem uma autópsia geral à carcassa desta aventureira com pretensões a sangue azul e a uma corôa imperial bisantina.

Quando embaixatriz em Lisboa, "espanta-se — dizem os cronistas — ao vêr Carlota Joaquina vestida de musselina da India, com prisões de diamantes nos cabelos e brincos de brilhantes tão grandes e tão puros que a deixaram extática, entre damas da côrte, vestidas como araras, de saia escura bordada a oiro e longa cauda vermelha». Mas o espanto dessa mulher que "trouxe de Paris entre os muitos magníficos vestidos, um de crepe branco bordado a oiro e toque branca com penas brancas e oiro, e outro de *moiré rose* bordado a prata com uma grinalda de folhas de prata aplicada» que fizeram furor entre as elegantes lisboetas, seria provocado pelo ridículo que julgou vêr, ou pelo valor dos tais brilhantes de primeira água que lhe teriam aguçado a cubiça como mais tarde tão claramente demonstrou?

Enquanto Junot se entretem a invadir Portugal, Laura torna-se amante de Metternich. Napoleão intromete-se nêsses amores, alegando que "tão íntimas relações dum estrangeiro com a mulher de Junot podem prejudicar a sua política» e, então, manda cortar o mal pela raiz.

Junot, informado do que se passava, tem uma cena violenta com a mulher e, tenta fazê-la amaldiçoar o nome do amante. Laura resiste, e então Junot, desvairado, fére-a seis vezes com uma tesoura, que é a arma que lhe aparece ali mais à mão.

Depois doutros desvarios, Laura apaixona-se por Maurício de Balincourt, dando-se cenas verdadeiramente escandalosas.

Napoleão exalta-se novamente, e prepara-se para expulsar de Paris essa estouvada que desacredita a sua côrte imperial.

— Mais um escândalo é o cúmulo! — rugia Napoleão em frente da mulher de Junot — mais um escândalo, e êste muito pior talvez que o de Metternich... E então por quem? Por um fedelho... E' vergonhoso, senhora, na vossa idade e com os vossos quatro filhos!

— Mas, sire...

— Não há desculpa que valha. A medida está cheia. Ireis como a Chevreuse, a Recamier e outras desavergonhadas...

— E para onde, sire?

— Sei lá. Para o inferno, se vos aprouver, mas a mais de 60 léguas de Paris. Podereis salvar as aparências, arranjando o pretexto que melhor vos pareça. Saireis de Paris, quando não, Junot, êsse inepto Junot, tão femeeiro como fanfarrão, será informado de tudo. Mas, desta vez, não serei eu que o impeça de fazer o que lhe dê na gana. Lembrai-vos do Metternich e das seis tesouradas aplicadas tão a propósito...

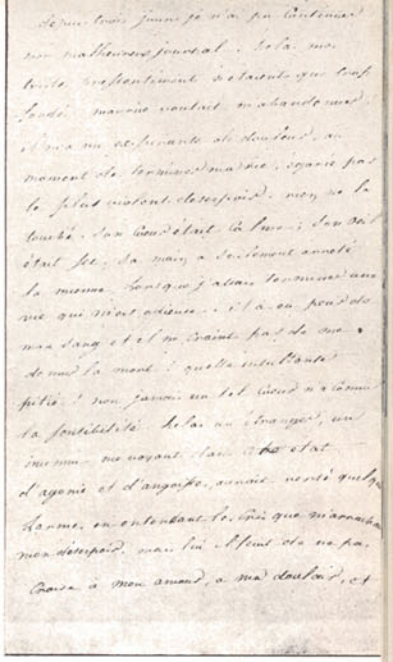
Laura estava assombrada. E era Napoleão, aquêle farroupilha de outros tempos que tantas vezes fôra saciar a fome a sua casa, bem como o resto da família, que a ofendia daquela maneira! Era aquêle "gato com botas» como ela e Josefina o tinham alcunhado, arvorado em bobo tantas e tantas vezes, que lhe vinha prègar moral!

— Sire, — murmurou ela — lembrai-vos de que sou descendente do imperador Comneno.

— Dos Permon, dos Permon, quereis dizer — replicou Napoleão — Os Permon foram sempre uns aventureiros... E então de vossa mãe o que havia a esperar? Essa Palormia, gerente de espelunca, que brincava às princesas...

— Sire — gritou Laura, chamejante de cólera — minha mãe nada vos deve, antes pelo contrário. A sua casa iam repotrear-se os Bonapartes todos, vós, vosso pai, vossa mãe e vossos irmãos. Ali comiam à barba longa, tanto em Paris como em Montpellier. Vosso pai, Sire, não o esqueçais, foi na casa de minha mãe que morreu. Que tendes, pois, a dizer contra a pobre senhora que tantas vezes vos afagou? Fraca memória tendes! Quando vós, sem terdes ofício nem benefício, ieis, depois de jantar à nossa mesa, sentar-vos diante do fogão, era mais terno o vosso tom de voz: "*Signora* Palormia, falai-me da Corsega, falemos da *signora* Leticia!»

Maurício de Balincourt



Uma página do «Livro vermelho»

E sois vós que chamais aventureiros aos descendentes do imperador Comneno!

Esta explosão de cólera assombrou Napoleão tão profundamente que, anos depois, ditando o seu "Memorial de Santa Helena» a Las Cases, afirmava ter sido tratado por Laura Permon "como um garoto!»

Os dois aventureiros eram bem dignos um do outro!

Ao cabo de tantos anos, surge outra revelação com a publicação do *Livro vermelho*, especie de diário de Laura Permon, em cujas páginas se reflecte o seu estado de alma durante os seus amores com Maurício Balincourt.

Abre assim:

"E' em vão que me procuro, e não me encontro. A' semelhança das flores feridas pela tempestade, a minha cabeça está curvada para não mais se levantar.

"Noutro tempo empreguei a minha glória e a minha felicidade a experimentar os mais nobres afectos: era mãe, irmã e amiga; o meu coração encontrava-se aberto à piedade; sofria, ao vêr um desgraçado, mas agora quem é que poderá esperar arrancar-me uma lágrima?

"Não terão as minhas mágoas excedido a medida das mágoas ordinárias? Haverá algum desgraçado que tenha o direito de lamentar-se mais do que eu?

"Por ser um mísero?

"Ah! a minha posição! Rodeia-me o luxo! Longe de ser uma consolação, uma distracção, é um pesado fardo.

"Esta vã consideração que me é imposta, impede-me de verter lágrimas, e,

Napoleão na escola de Brienne — Desenho dum seu condiscípulo

por vezes, força-me a sorrir, embora o meu coração esteja dilacerado e os meus olhos marejados de pranto! Como eu invejo a sorte dessas mulheres obscuras a quem ninguem pede contas das lágrimas que choram!»

Noutra página ergue nova lamentação:

"Oh! meu Deus, dai-me a força e a coragem necessárias para não sucumbir à horrível tentação que atrai a minha alma... evitai-me um crime... conduzi-me aos santos e sagrados deveres, dos quais nunca deveria ter-me afastado.

"Ah! os meus filhos amaldiçoarão a minha memória! Quando algum perigo ameaçar a sua juventude, o primeiro grito do seu coração será apenas para censurar aquela que Deus encarregára, sôbre a terra, de os defender de todos os perigos. E então gritarão em tom de censura: "— Minha mãe, minha mãe, porque nos abandonaste?»

Mais adiante:

"Perdoai-me, meus filhos. Oh! sim, perdoai-me o ter-vos abandonado, mas a minha vida tornou-se-me insuportável. Não posso conduzir por mais tempo o fardo das minhas torturas.

"A vossa desventurada mãe sucumbiu aos golpes dum bárbaro assassino. Ela é a culpada, sem dúvida, mas lembrai-vos da sua ternura por vós, da sua contínua solicitude por cada um de vós.

"Tu, minha Josefina, minha primogénita, meu orgulho e meu amor, recorda a minha idolatria por ti, e calcula quanto devo ter sofrido para que semelhantes compensações não tivessem servido de bâlsamo a tão horríveis ferimentos. Aquele que me levou a tais excessos é que é o culpado. O miserável!... Mas não o amaldiçoeis. Os seus remorsos bastarão para me vingar».

Noutra página, escreve:

"Ainda não voltou.

"Eis-me mais uma vez sòzinha com as minhas recordações e os meus receios.

"Deve estar ausente um mês. Durante todo êste espaço de tempo que certeza poderei ter de que não se esqueça de mim?

"Como eu desejaria que êle tivesse levado o meu retrato. *(Alude à miniatura de Quaglia).* Mas estou tão doente, tão mudada, que não posso continuar a posar.

"Êle deixou-me o seu retrato, que é duma semelhança flagrante. Vou arranjá-lo, de forma a poder trazê-lo sempre comigo. Ao menos, assim, estarei menos separada dele...»

Outra página ainda:

"Não me enganei. Êle voltou.

"Voltei a vê-lo e todos os meus sofrimentos foram esquecidos. Como o amor pode dar uma tão grande felicidade como a que, neste momento, sinto no coração! E êle parece partilhar dela.

"Que belo dia eu passei! Como o meu

Laura de Permon (miniatura de Quaglia)

coração está calmo! Como eu estou contente com todos! Sinto-me mais acolhedora, mais agradável! Encontro tudo bem! Parece-me até que a própria sala, em que estou habitualmente, tem mais claridade, embora seja o mesmo o número de luzes.

"É que o objecto amado está aqui, diante de mim. É êle que embeleza tudo, e esparge à minha volta êste fluído de felicidade que encontro em tudo o que vejo...»

O mais curioso é o documento que figura apenso a êste *Livro vermelho.* Trata-se duma carta que Laura Permon escreveu com o seu sangue, extraído dum golpe dado propositadamente num braço, e enviou ao seu adorado Maurício de Balincourt. Diz assim:

Enquanto correr nas minhas veias êste sangue de que me sirvo para escrever esta promessa, enquanto um sôpro de vida fizer bater o meu coração, juro aos pés de Deus que me ouve, juro pelas minhas mais santas e sagradas afeições que serás o mais e o melhor amado.

Nunca um tal amor me encheu a alma, e repito-o aqui, como já to afirmei:

Se não fôr tua, pertencerei à sepultura.

Sim, Maurício, ou tu ou a morte.

É êste o grito do meu coração, e será o seu último sentimento, como o alento derradeiro será para ti.

Juro-o ainda, e renovo o juramento de que nada me fará romper contigo.

LAURA.

A esta carta segue-se um bilhete, traçado nervosamente, a tinta, e tem os seguintes dizeres:

"Guarda a promessa que junto envio, pois é a expressão da verdade. Desejo que a conserves para que possas, daqui a muito tempo, agradecer-me o ter dito, com antecedência, uma coisa tão verdadeira.

"Meu bem amado, êste sangue de que me servi para escrever é todo teu; não ha dele uma gôta que não te pertença.

"Gostaria de voltar a ver o meu livro *(o Livro vermelho)* ao menos por uma hora. Devolve-mo e junta-lhe uma única palavra, uma única, entendes?

"Amo-te!

"Será bastante para algumas horas de ventura.

"Adeus. Aperto-te no meu coração, e amo-te mais do que à minha vida».

E assim foi a vida de Laura Permon, por alcunha a "duquesa de Abrantes».

Aos 54 anos de idade, prestes a agonizar, escrevia frenèticamente, mesmo no leito. Quando a senhora Ancelot, que lhe servia de enfermeira, pretendia fazê-la descansar, respondia:

— Pois conversemos uns momentos, que isso me fará bem; mas depois voltarei ao meu trabalho, que o editor pagará logo que o receba. Tenho muita necessidade de dinheiro...

Morria poucas horas depois...

GOMES MONTEIRO.

Junot

ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

O príncipe Chichibu, irmão do imperador do Japão, na sua visita a Berlim, passando revista à guarda de honra. O ilustre visitante vai ladeado pelo embaixador japonês no Reich e pelo comandante da cidade

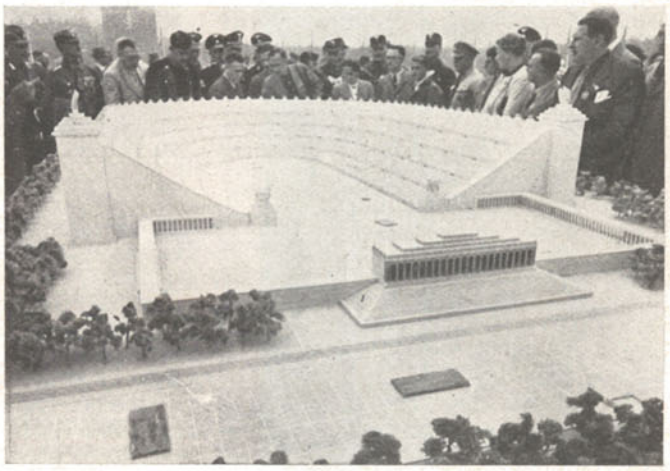
As bandeiras das secções da juventude Hitleriana desfilando ante o Führer, na festa realizada em 7 de Setembro e que constituiu uma grandiosa manifestação de fôrça e uma demonstração do mais puro patriotismo

O general Melchiori, representante da Itália, na Internacional anti-comunista realizada na cidade de Nuremberg

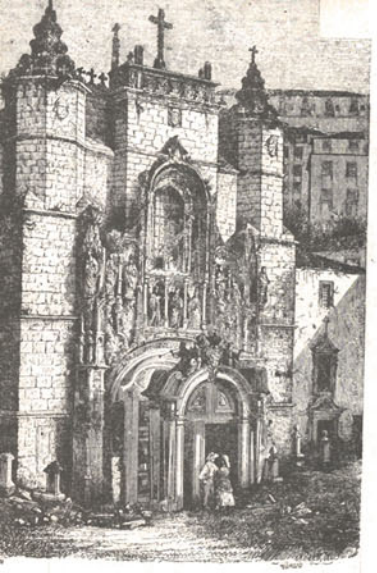
O príncipe Chichibu visitando o Reichssportfeld — campo dos desportos nacionais na capital do Reich

Hitler proferindo um discurso inaugural da Assembleia Nacional do partido, realizada na cidade de Nuremberg

Um aspecto da homenagem ante a estátua de Beethoven em Vincennes, no momento em que o corpo coral alemão cantava, sob a direcção do professor Kittel, um enternecido hino ao músico genial



A colocação da primeira pedra para a construção do novo Estádio de Nuremberg. Podendo comportar 405.000 pessoas, mostra bem a sua grandeza e a importância ligada à educação física



Igreja de Santa Cruz

VIAGENS NA NOSSA TERRA

SAUDADES DA VELHA COIMBRA

Evocação do delicioso milagre do Mondego

SE eu fôsse... a vereação de Coimbra, restituía a tôdas as ruas crismadas as antigas designações, mudando para ruas ou avenidas novas os nomes dos cidadãos, que mais ou menos mereceram a honra de lhes ser perpetuada a memória nos cunhais da cidade.

Próximo, no labirinto do casario que vai até à linha-férrea, ainda se conserva a antiga toponímia, graças aos arruamentos serem tão sombrios: ninguém quer ver o nome de seus parentes, amigos ou correligionários tão mal alumiado na posteridade...

Ruas da Madalena, da Loiça, da Moeda, do Corvo, dos Sapateiros, dos Esteireiros, das Padeiras, das Azeiteiras, Paço do Conde, Terreiro da Erva, Largos da Sota dos Oleiros, do Romal...

Não será bem pitoresco?

A rua da Sofia era no século XVI, em que foi aberta — "uma verdadeira galeria da Renascença", diz Tomás da Fonseca. Povoada de colégios.

Logo à direita ficavam os de Todos-os-Santos e de S. Miguel, que a Inquisição veio a ocupar, permanecendo aí até à revolução liberal de 1820. A primeira casa que, dêste lado, se encontra foi assente sôbre o páteo, onde se celebravam autos de fé...

De fé — os sacrílegos!

A seguir, o colégio do Carmo (ocupado hoje pelo Hospital da Ordem-Terceira) fundado em 1542 por D. Baltazar Limpo, bispo do Pôrto. Nele compôs Fr. Amador Arrais os seus Diálogos. A igreja, diz Haupt, é lindíssima interiormente. Tem capelas brazonadas. E' o seu claustro drão de armas escapou, não se sabe como, à picareta pombalina, na própria frontaria.

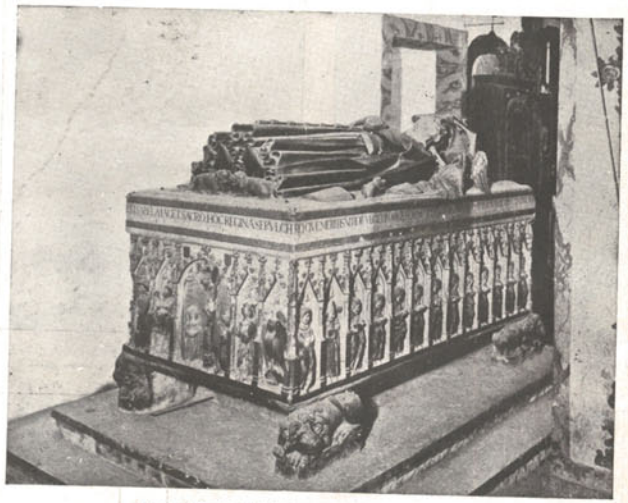
A igreja, que não se completou, está ocupada por uma oficina de automóveis. Restam a Capela-mor e absidíolos, altares, abóbadas. A capela do Tesoureiro, tôda de João de Rudão, poderia ainda salvar-se da ruína geral. E' assombroso como se conserva há tantos anos, exposta aos maiores vandalismos. Falando de João de Rudão, escreve António Augusto Gonçalves:

"E nada mais será preciso para exaltar o nome de um artista, cujas faculdades singulares de sentimento e de saber estão assinaladas em tantas e faustosas superabundâncias decorativas no espírito da sua escola.

"E não deixarei de salientar a maleabilidade maravilhosa do seu engenho. Ele, que foi um dos mais gloriosos evangelizadores da primeira Renascença, aceita e acompanha o movimento regressivo à sobriedade clássica. E deixa no retábulo e no traçado da abóbada de berço da capela do Tesoureiro, de nervuras entrecruzadas em caixotões, um modêlo imaginoso e rico de incomparável lavor."

Haverá quem salve esta preciosa Capela do Tesoureiro? Vale a pena apelar para a mocidade... cristã?

Tomás da Fonseca, que é um moço hereje de 50 anos, bate-se ardorosamente



O antigo túmulo da Rainha Santa Izabel, padroeira de Coimbra

"apreciável modêlo de arquitectura, bem lançado e nítido na sua singeleza e pequenez."

Depois é o Colégio da Graça, também dos meados do século XVI. Ocupado por um quartel. A igreja, semelhante à do Carmo, tem túmulos brazonados, nas capelas, e um sumptuoso altar.

Em frente, fica o Convento de S. Domingos, do século XVI, cuja traça magnificente não pôde ser totalmente executada.

Foram seus patronos os duques de Aveiro, cujo pa-

A Arte Medieval Conimbricense (desenho de António Augusto Gonçalves)

monte da Conchada. A vertente é a Ladeira da Fôrca.

E' um scenário novo, nesta Coimbra tão cheia de amplos panoramas, de largas paisagens.

O vale declina, em luminosa suavidade, entre encostas de arvoredos brandos, de Santo António ao Mondego, como um sonho alvorescente.

E não se desfaz, como os nossos sonhos! A estrada corta-o perto da corrente; mas êle vence, levando às águas todo o esplendor amoroso da sua ansiedade.

Deixem dizer que a cordilheira da Estrêla se prolonga até ao Oceano. Não; os seus últimos contrafortes vêm morrer a Coimbra...

E então, vendo as hermínias águas passar, num supremo arranque saudoso formaram êste vale! Nem é lícito aplicar uma expressão geográfica a tal prodígio da natureza. Não é um vale — é um jardim votivo. Dos últimos pendores desce o magnético eflúvio da montanha distante!

Arrancamo-nos ao embevecimento que funde a nossa alma ao frémito da terra. Vamos por um caminho, alagado de chorões, à beira-rio.

"Vão as serenas águas
Do Mondego descendo,
E mansamente até ao mar não param...."

E Mondego e Choupal vão, juntos, correndo.

O Choupal ocupa uma vasta área. Mas não é uma floresta. Não é mesmo um bosque. Em vão se chamam choupos, plátanos, ailantos, freixos, eucaliptos, bôrdos, faias, acácias, loureiros, os sêres vegetais que aqui habitam...

Também há amoreiras, nogueiras, laranjeiras, macieiras... Nem por isso é um pomar.

Não; o Choupal não é um trecho silvícola, uma mata como outra qualquer: é uma criação do Mondego, um Mondego vegetal; nasceu das suas areias, dos seus lôdos, das suas águas — do seu coração, da sua alma.

Sagrado mistério, bendito génesis!

No rio há palhêtas de oiro. Mas não se encontram minas... Foi o Mondego quem transformou em oiro os raios do sol!

No outono também dos choupos cáem fôlhas de oiro: agora mesmo, reparem, tudo é oiriverdescente!

Em Coimbra não há só o *milagre das rosas*... E os milagres do Amor não são menos assombrosos que os milagres da Fé.

Um místico fervôr exalta sobrenaturalmente, inflama em ideal, tudo o que vive nesta terra de divina eleição.

O Choupal transfigura-se, hora a hora, conforme se transfigura o Mondego, cuja vida o anima: são acordes os seus estados de alma — na alacridade das manhãs primaveris, como na lassidão das tardes estivais, na doçura do outono, como na tristeza do inverno. Se a brisa afaga o rio, o Choupal rumoreja, canta! Mas se a tempestade encapela a corrente, desesperada e estrugindo, grita alto, clama — confrangem-se as ramarias, os troncos gemem...

Basta vêr o Choupal, para logo entender que não é um parque: é uma ardente réplica do Mondego à Estrêla.

A montanha deu-lhe o delicioso vale, e o rio, para o receber, criou esta maravilha.

O céu encheu-lha de aves — de melros e rouxinois gorgeiantes...

E revoadas de pombas, como neve, pairando!...

Percorrem-se estradas, carreiros, veredas: tudo é calmo; ouvem-se os nossos passos, como na solidão de uma catedral; as sombras dos salgueiros flutuam; os arvoredos nem estremecem... Tudo está suspenso, extático!

Aos nossos sentidos, em crepúsculo imersos, ligeira, dormente, perdida em desmaio, a paisagem parece irreal, como um imaginário jardim de encantamento...

LOPES D'OLIVEIRA.

O Arco do Almedina — Restos das antigas muralhas da cidade

Uma das sumptuosas salas da Biblioteca da Universidade de Coimbra

OS AVATARES DO ROSSIO

Como ficará após a sua nova transformação?

O Rossio do século XIX

FALOU-SE na transformação do Rossio, uma transformação completa que levaria os últimos vestígios do tão discutido empedrado de há uns bons quinze anos.

Estará para breve? Ardentemente o desejamos no nosso íntimo, visto as necessidades da vida citadina assim o exigirem, embora surjam capideiras a tentar afugentar com os seus lamentos esganiçados os espíritos que acompanham a marcha do Progresso.

Quando o plano do engenheiro Paiva e Pona desafogou o Rossio a tal ponto que se tornou possível o movimento actual, ia caíndo o Carmo e a Trindade, e tão sòmente porque devia ser levantado o calcetamento em zigue-zagues que dava a impressão duma linda carpete de casa rica.

Tocar naquelas pedras seria uma profanação!

Afinal, o Rossio transformou-se, e só agora se presta a devida homenagem ao seu transformador.

E' interessante acompanhar as várias fases da famosa praça lisboeta através dos tempos.

Uma das gravuras que publicamos, anterior ao terremoto mostra-nos, no lado oriental do Rossio, o hospital de Todos-os-Santos, imponente nas suas arcarias majestosas e no seu portal rendilhado: a igreja de S. Domingos, o palácio do Conde de Ourém, o chafariz de Neptuno; do lado norte, o palácio da Inquisição com o seu ar sombrio e terrificante.

Se nesses tempos se pensasse em dar uma nova feição à praça, elevar-se-ia, tal como hoje, o alarido dos que não apreciam transformações, por mais urgentes e necessárias que elas sejam.

Com a ajuda do terremoto tudo se conseguiu sem contrariedades. Arrasados os edifícios que rodeavam o Rossio, tornou-se necessária a sua reedificação. O palácio da Inquisição ainda lucrou, pois ficou abrangendo uma área maior. Ocupava todo o lado norte, estendendo-se também para o éste com os seus vastos jardins que iam até à rua do Príncipe.

Segundo diz a *Mnemósine Lusitana*, a entrada do edifício possuía uma larga portada, sôbre a qual corria uma varanda de cantaria. É exactamente o que ainda se vê sôbre o Arco de Bandeira. No tôpo do palácio ressaíam as armas reais e alteava-se a estátua da Fé que esmagava sob os seus pés fortíssimos a Heresia.

Ora, do lado sul da praça, e fronteiro ao pórtico do palácio, apareceu um outro que, embora fôsse uma imitação servil, deu despesas e trabalho. Fôra aquilo lembrança do negociante Pires Bandeira que, dando largas à sua imaginação artística, mandára levantar na sua casa janelas e varandas semelhantes às do palácio inquisitorial. Era uma lisonja e também uma temeridade, porque o público poderia pensar, embora se guardasse de o dizer, que pelas duas passagens não se seguia o mesmo destino. A do norte conduzia aos cárceres, à entrada, e à saída, quási sempre, aos autos de fé, ao passo que a do sul era livre, tanto para um lado como para o outro. Mal o Bandeira supunha que a cópia que ordenára por espírito de imitação ou talvez em homenagens aos inquisidores ou a Pombal, devia servir ao cabo de quási dois séculos, para modelo de em belezamento do Rossio.

"Em 1820 — diz-nos Rocha Martins — a estátua da Fé foi apeada, no meio de aplausos frenéticos, os cárceres invadidos, os presos postos em liberdade, e os vencedores — os vintistas — alojaram-se na parte superior do palácio.

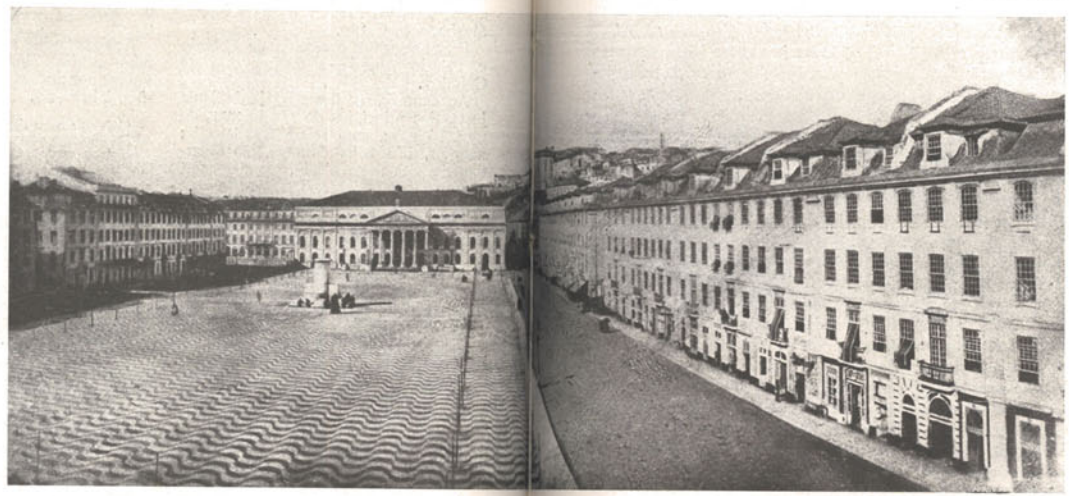
"Singular destino foi o daquela casa! "Na varanda assistiu Junot ao desfile das suas tropas numa revista; D. Miguel, às procissões do Senhor dos Passos e também à formatura da guarnição de Lisboa, quando o infante tentou destronar o pai.

"Após a usurpação, sua majestade, o soberano absoluto, continuava a freqüentar o palácio e a sua varanda para assistir à passagem dos cortejos religiosos. Defronte, lá ao fim do Rossio, na secular balaüstrada do Pires Bandeira, ajoelhariam outras pessoas, talvez a família do comerciante, em homenagem ao Senhor dos Passos e ao senhor das forcas.

"O capitalista Pires Bandeira fôra enobrecido, dava-se com poetas e também com as musas, e deixou descendência, ao que parece, residente durante algum tempo, na Charneca, vizinha de Lisboa, a caminho de Camarate.

"E o palácio da Inquisição, cuja entrada servira de risco à obra mandada fazer pelo opulento comerciante?

"Os fados encarregaram-se da sua transformação.



O Rossio no tempo «galheteiro»

"Em Portugal, é costume aplicar a diversos serviços públicos os edifícios religiosos, porque são sempre os melhores. Quando a revolução de 1820 acabou com o terrível tribunal, instalaram-se sucessivamente na residência famosa, o Govêrno, a aula de paleografia, a Academia de Fortificação e a Intendência da Polícia, antes de passar para a praça da Alegria. Esteve lá o Tesouro Público, mas, em 1836, um fogo tão violento que parecia o de mil autos de fé, devorou o edifício, cujas paredes não aluíram».

Depois, foi construído ali o Teatro de D. Maria, cuja obra nada recordaria o estilo pombalino.

Em todos êstes avatares, o Rossio vai atravessando os séculos impante nos seus ornatos sempre novos e sempre modernos. Ninguém se lembra já do seu "galheteiro», nem do seu castiçal que se ergueram como autênticos monumentos. Agora, ergue-se a estátua do Rei-Soldado que as más línguas afirmam ser a de Maximiliano do México tão trágicamente abatido no coração do império que sonhara na sua ingénua ambição.

O Rossio com o seu empedrado zigue-zagueante

O Rossio antes do terremoto

E, já que aludimos ao "galheteiro», não deixaremos de registar algumas notas curiosas acêrca dêsse mostrengo-sito que tanto irritou o bom gôsto lisboeta, e do qual, actualmente, já ninguem se lembra.

Em memória do Rei Soldado, foi projectado elevar-lhe um monumento que ficasse perpetuando o nome do vencedor do absolutismo.

Nomeada a indispensável comissão para levar a efeito o projecto, foi lançada a primeira pedra no dia 17 de Julho de 1852. A rainha D. Maria II compareceu como lhe competia, visto tratar-se duma justa homenagem a seu ilustre Pai.

As obras começaram logo tão activamente que, a breve trecho, brotava da terra barrenta uma espécie de cogumelo que foi crescendo vagarosamente até que tomou a forma dum "galheteiro».

Assim ficou, porque os donativos falharam completamente. O mísero "galheteiro» ali continuou, durante anos e anos, guardado por uma sentinela, e sempre aguardando as almas generosas que se condoessem da sua paralisia de nascença.

Isto originou epigramas, sátiras e chocarrices, algumas violentas em demasia que iam ferir impiedosamente quem nada tinha com o caso. Devemos salientar que a Camara Municipal se fartou de enviar ofícios a quem de direito, pedindo instantemente a conclusão do monumento, e nada conseguiu.

Talvez fôsse melhor assim. Pelo menos foi poupada uma demolição mais trabalhosa.

O povo, ao passar junto do «galheteiro» galhofava como melhor lhe convinha.

Sim, para que servia "aquilo» ali, em pleno Rossio? Ainda se o "galheteiro» tivesse o condão de deitar azeite por um lado, e vinagre pelo outro, então sim, ficaria valendo mais do que a própria estátua de D. José com cavalo, elefante, marquês de Pombal, e tudo... Poderia ser considerado o melhor e o mais útil dos monumentos lisboetas. Mas, assim, para que se mantinha "aquilo» na mais bela praça da capital?

Foi preciso que, dez anos depois, aparecesse o duque de Loulé, como chefe do Govêrno, a ordenar o levantamento duma estátua condigna ao rei D. Pedro IV

E, assim, acabou o "galheteiro» que tanto deu que falar... por nada haver que dizer a seu respeito.

Depois, foi o que se viu...

Como ficará o futuro Rossio? Fique como ficar, deve melhorar com a transformação. Pelo menos, as experiências feitas através dos tempos, assim o demonstraram sempre.

O Rossio actual

Rudolfo Valentino

BIZARRIAS AMERICANAS

Robert Taylor — o Rudolfo Valentino II

que fascina as mulheres — como às borboletas a luz

SÚBITAMENTE, a imprensa mundial fez ressaltar em colunas e colunas, um nome que poderia ornamentar com certa pompa a fachada duma boa alfaiataria londrina — Robert Taylor.

Mas quem diabo seria Robert Taylor? Um grande general que, como Napoleão Bonaparte, viesse mudar a face do Universo? Um novo Pasteur que tivesse encontrado, finalmente, o remédio infalível para a cura da tuberculose?

Nada disso. Simplesmente um artista cinematográfico que se propõe a tomar o lugar do malogrado Rudolfo Valentino no coração das apaixonadas do cinema. O mais interessante é que o rèclamo pegou tão bem que chegou a ser moda falar dos encantos do referido Taylor, e render-lhe homenagem, como se o divino Apolo nêle tivesse encarnado em toda a sua impoluta beleza. Dos seus méritos artísticos ainda nada se disse, devendo-se a êste lapso, segundo parece, ao facto de... nada haver para dizer.

No entanto, a fama vai correndo, correndo, e o novo Rudolfo Valentino pavoneia-se o mais comodamente possível, graças ao seu palminho de cara, se assim nos podemos expressar com respeito a um homem.

Rudolfo Valentino ressuscitou.

A verdade é que a chegada de Robert Taylor a Londres foi das mais movimentadas que um espírito bizarro poderia conceber. Entre a polícia e uma multidão de mulheres ansiosas por verem o artista cinematográfico travou-se uma verdadeira batalha. Todas as admiradoras de Taylor pretendiam assaltar o carro que conduzia o seu ídolo, desde a gare da Vitória ao Hotel Claridge. Se a polícia londrina não tivesse mantido a sua tradicional firmeza, e o disputado rapaz houvesse sido entregue à sua sorte, isto é, aos desenfreados transportes das loiras misses, não chegaria um bocadinho a cada uma. Robert Taylor seria um novo "menino nas mãos das bruxas».

É claro que êle gosta destas coisas, embora faça constar que para escapar às fúrias das suas admiradoras norte-americanas viera procurar refúgio na Europa, nada conseguindo, pelo visto.

E, então, diz aos jornalistas que o entrevistam não poder suportar por mais tempo uma tal perseguição.

— Calculem — diz êle — que uma riquíssima dama da América do Sul, a senhora B..., deu ordens no sentido de lhe serem reservados sempre o quarto, e a cabine ao lado dos que ocupo, a fim de me conservar mais perto de si. Segundo os seus calculos, eu devo estar casado com ela dentro de seis meses, ou porque seja êsse o melhor meio de evitar a sua perseguição, ou porque termine por me apaixonar por ela!

Uma estudante contempla Robert Taylor — o querido das mulheres

Robert Taylor sente-se feliz com toda esta celebridade, que é, no fim de contas, o seu modo de vida.

Considera-se o artista mais entrevistado em todo o Hollywood, durante o ano de 1936, e pretende manter o seu *récord*.

Quando os jornalistas falam dos seus amores, acrescenta-lhes pormenores curiosos, e pretende ocultar outros que considera impertinentes.

— Afinal — comenta êle com o melhor dos sorrisos — tudo tem um limite. As histórias de amor sem o fundamento que devem ter, perdem a graça, e, às vezes, são a desgraça daquêle a quem se atribuem.

Entretanto, a publicidade continúa a fazer-se em tôda a sua expansão. Afirma que Robert Taylor, o joven actor da Metro-Goldwin-Mayer, está predestinado a ter uma notável carreira na tela. Ex-estudante de psicologia numa universidade, foi descoberto por um dos "exploradores» dos estudios durante uma das representações de alunos. Estudou no curso dramático de Oliver Hinsdell, da Metro, e actualmente está a caminho da glória.

Tratando-se dum artista, natural seria que se discutisse a grandeza dos seus papeis e a perfeição do seu desempenho. Nada disso. O que interessa é que a linda quinta que Robert Taylor possui nas montanhas, perto de Hollywood, toma-lhe todo o tempo livre. Dispõe de mais de três acres de terra que percorre em qualquer dos seus dois cavalos *pur-sang*, e entretem-se a dar de comer a centenas de galinhas. As noites passa-as, com o seu cachimbo sempre fumegante, a ouvir música clássica pela rádio.

Todos os seus passos são observados com a maior atenção, como se o pavimento estivesse transformado num teclado imenso de que os pés do artista tirassem os mais melodiosos sons. É certo que Mozart, Listz ou Paderewski nunca tiveram tão exageradas homenagens, mas a verdade é que qualquer dêstes artistas geniais nunca tocaram com os pés...

A razão, a única razão de tais exagêros está em afirmar-se que êste Robert Taylor é o novo Rudolfo Valentino que Deus haja.

Só por isto, embora ninguem procure saber se a substituição honrará qualquer dos dois.

Um dos últimos sorrisos de Jean Harlow (a artista há pouco falecida) foi para Robert Taylor

E mesmo que assim fôsse?

As damas actuais que tanto perseguem o pobre rapaz farão alguma diferença dessas furiosas Ménades que deram cabo do desventurado Orfeu, e só porque êste não lhes ligava importância, tão enlevado andava na sua Eurídice? E' possível que muitas dessas senhoras que se atrelaram ao carro de Robert Taylor tenham verberado indignadamente o crime das bacantes, se é que alguma vez se embrenharam pela mitologia. E' provável que até deplorassem o triste fim do harmonioso músico da Trácia. E, no fim de contas — Deus lhes perdoi! — procedem talqualmente! Não tivesse a briosa polícia de Londres usado da sua força, expondo o peito generoso ás fúrias das admiradores de Taylor, que êste teria ficado em pior estado do que o citado pela lenda com referência ao Orfeu. Dêste ainda se afirma que os restos mortais, levados pelo rio Hebro, foram parar ás costas de Mitilene, onde ficaram sepultados. Do pobre Taylor é que nada ficaria para sepultar, visto que, dividido em pequeninos pedaços, ainda não chegaria para satisfazer as suas muitas admiradoras. E' caso para dizer que nem a alma se lhe aproveitava...

E tudo isto por querer ser o segundo Rudolfo Valentino!

Triste comédia da vida!

Reparem na mulher que, após mil sacrifícios, conseguiu casar com o celebrado Rudolfo Valentino. Pois, hoje em dia, essa altiva Jean Acker encontra-se nas mais precárias circunstâncias, sofrendo até humilhações para não perder o único bocado de pão que lhe resta, trabalhando. Há alguns anos apenas, Jean Acker era «a mulher mais invejada do Mundo». Além da grande fortuna de que dispunha, tinha por marido o adulado Rudolfo Valentino.

Todos os dias se entretinha a abrir a imensa correspondência dirigida a seu marido pelos vários milhares de admiradoras muito semelhantes às que hoje assaltam Robert Taylor. Como actriz, dispunha de uma certa fama que, em boa verdade, provinha, na sua maior parte, do reflexo do marido.

Actualmente, encontra-se reduzida a simples figurante num filme, ganhando miseramente 350 francos por semana! A única frase, que teve de pronunciar no decurso de todo o papel, foi simplesmente: «Obrigada!»

— Em 1929 eu possuia 300 mil dólares — conta ela — mas um *krack* na Bolsa reduziu-me à miséria. Tenho portanto que viver mais que modestamente, e sujeitar-me a tôdas as humilhações para conseguir um pouco de pão!

De que lhe valeu ser esposa de Rudolfo Valentino, se êste mesmo morreu sem recursos pecuniários? Natacha Rambova, segunda mulher dêste idoladrado Adonis, na liquidação da herança de seu marido, recebeu apenas um dólar! Eis o que pode esperar a feliz apaixonada que consiga convencer o idolatrado Taylor a dar o nó do casamento. No fim duma existência de divergências que existem pelas Américas para uso exclusivo dos casais, se conseguir sobreviver-lhe, receberá um dólar por herança — e pode dar-se por muito bem paga.

E' que um dólar sempre representa uns vinte escudos portugueses bem contados...

Robert Taylor com sua mãe, — a mulher que êle mais ama

Robert Taylor concedendo autógrafos ás suas admiradoras

HUMORISMO

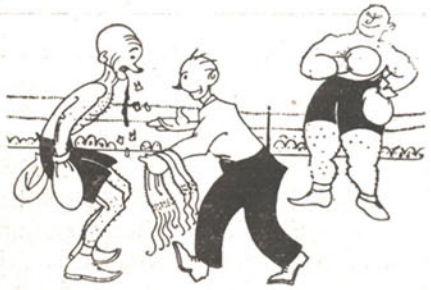
Um mariola, como tantos, tendo de comparecer perante o tribunal, deu como testemunha de abonação o chefe da Polícia local. O facto causou a maior estranheza, em especial ao chefe que, no dia marcado, lá compareceu no tribunal para declarar indignado:

— Mas, senhor juiz, eu nem sequer conheço êste homem!!

— Ora aí está! — clama o reu triunfante — Vivo nesta cidade desde que nasci, e a polícia não me conhece... Que prova mais flagrante posso dar da minha honorabilidade?

■

Um casal já idoso estava à varanda dum hotel, e ouvia, mau grado seu, o diálogo amoroso dum casal de jovens no terraço que lhes ficava por baixo. Enternecida pela feição romântica que as coisas levavam, a velhota disse para o marido:



— Eu não te dizia que estavas velho para o box?
— Velho?... Ainda agora me estão a sair os dentes!...

— Parece que êle vai fazer-lhe uma declaração. Não me parece correcto estarmos a escutar. Deviamos retirar-nos ou então assobiares para lhes chamar a atenção.

— Essa agora?! — objectou o marido — que favores devo eu a êsse homem para lhe prestar um tal serviço? Quando eu me declarei a ti, ninguém assobiou para me prevenir do que me esperava.

■

O doente, muito apoquentado com a sua vida:

— Diga-me francamente, doutor: estou perdido?

O médico, que é um grande distraído:

— Está, mas porque pregunta isso?

■

— Ai, doutor! Não posso com esta vida. O meu marido anda num estado de nervos terrível. Não o posso suportar. Que me aconselha?

— Que vão ambos viajar.

— Para onde?

— Cada um para sitio diferente.

■

Um médico fazia a sua visita a uma enfermaria acompanhado por um grupo de quintanistas. Ao chegar junto dum doente, explicou a doença de que se tratava, e, no final, preguntou a cada um dos estudantes se era necessária a operação. Todos opinaram em contrário.

— Enganaram-se todos — rematou o professor — Vou operar o doente.

— Protesto! — gritou êste, sentando-se na cama — Há dez contra um!

■

Um pai pretendendo saber a tendência do filho, pregunta-lhe o que deseja ser quando fôr crescido.

— Eu, papá — responde o petiz depois de meditar uns momentos — queria ser filantropo.

— Filantropo?! Mas isso não é profissão. Filantropo é aquele que faz bem aos outros.

— Pois, sim, mas parece-me que têm sempre muito dinheiro.

■

O polícia: — Então o senhor pretende ter encontrado êste automóvel perdido na estrada?

— Achei, sim, senhor. Já é ter sorte, não acha?

■

Um rapaz foi alugar um quarto em casa dum avarento e querendo predispor bem o seu hospedeiro, disse-lhe:

— E veja o senhor como eu sou... a dona da casa de onde eu saí, quando vim embora até chorou...

— Olhe — disse o agiota — isso é que nunca lhe acontecerá aqui... porque eu desejo que me pague a renda adiantada!...

— Êste café está muito claro!...
— Não vê V. Ex.ª que foi feito com água limpa...

■

O rendeiro, indignado: — Depois das últimas chuvas tenho a adega cheia de água.

O senhorio, fleumático: — Mas que diabo quere você que eu lhe faça! Pela renda que me paga queria talvez que eu lhe enchesse a adega de vinho?

■

O crèdor: — Tenha paciência, mas não posso esperar mais tempo pelo pagamento desta conta. Amanhã vence-se uma letra minha, e tenho de arranjar dinheiro para a liquidar.

O pintor: — *Com que então o meu amigo também vive do lápis?*
O outro: — *É verdade... sou vendedor de lapiseiras...*

O devedor: — Essa é boa! Então o senhor faz dívidas e quere que eu lhas pague?

■

Adélia para o namorado em tom de meiguice:

— Hás-de gostar sempre de mim? — arrulhava ela.

— Sim, minha querida. Adorar-te-ei sempre... Sempre... Mas com uma condição: a de não vires a parecer-te nunca com tua mãe.

■

— Perjura!... Fez-me mil promessas...
— E não as cumpriu?
— Cumpriu... Cumpriu-as a outro!

■

Certo boémio, vendo um amigo que se dirigia para um teatro pouco concorrido, pegou-lhe num braço e segredou-lhe:

— Vais armado?

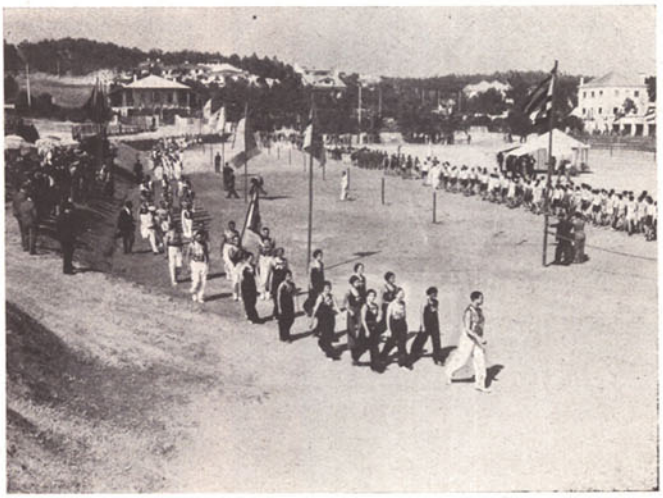
— Não!...

— Que imprudência!... Sabes lá o deserto que aquilo é!!...

■

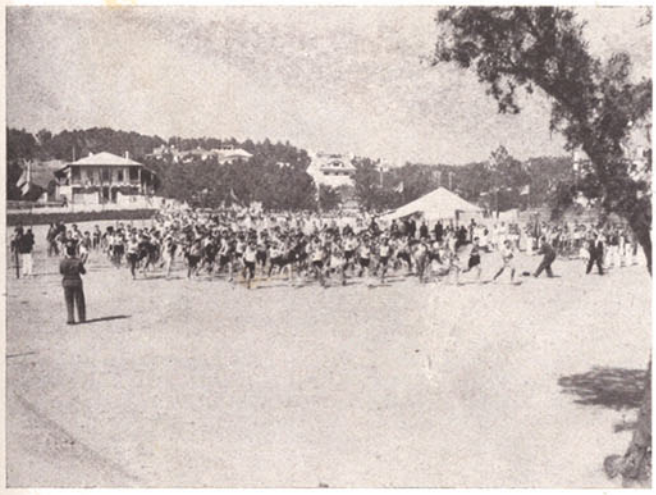
— Se me abraças, grito!
— Pois então grita!
— Não quero... pronto!

O ESTORIL DESPORTIVO



Os Jogos Desportivos Nacionais realizados no Estoril resultaram brilhantes, tendo correspondido, em absoluto, aos desejos dos seus organizadores. A gravura, à esquerda, mostra a tribuna presidencial no dia da inauguração. — A' direita: a apresentação e o desfile das equipas desportivas, vendo-se no primeiro plano a representação do Sport Algés e Dafundo

A partida para a corrida dos 60 metros femininos A classificação foi a seguinte: 1.ª — M.elle Lucinda Rosa (Sporting); 2.ª — M.elle Elisabeth Gilben (C. I. F.) e 3.ª — M.elle Maria Ester Moura Cabral (Algés)



A partida dos concorrentes para a corrida pedestre da Légua Popular em que se patenteou o grandioso vigor da raça portuguesa. — A' direita, vê-se o vencedor António Miranda, do C. S. Serra de Vila, disposto a correr mais vinte léguas, se tanto fôsse necessário, para manter o prestígio alcançado em várias e duríssimas provas

A QUINZENA DESPORTIVA

José Garnel, o melhor atleta português no lançamento do pêso

DEIXANDO para a próxima crónica a apreciação final e merecida dos Jogos Desportivos Nacionais, ainda em plena actividade quando escrevemos estas linhas, consagraremos a nossa atenção ao exame da temporada de atletismo que terminou com o interessante torneio das Caldas da Rainha.

A época de 1937 foi incontestàvelmente de reacção e de progresso: de reacção contra os processos dos anos anteriores cujos efeitos haviam sido deploráveis, de progresso na melhoria dos resultados, na mais eficaz propaganda da modalidade.

As diversas competições de atletismo organizadas de Junho a Setembro, ofereceram sempre lutas emocionantes e foram caracterizadas pelo regresso do público às bancadas da assistência.

Houve quem estranhasse e criticasse o abandono pelas entidades dirigentes da pista das Salésias, trocada nos torneios oficiais pelo campo do Estádio; embora nos custe dizê-lo, a medida foi pràticamente acertada e de excelentes conseqüências.

Em primeiro lugar porque é facto assente que os espectadores do atletismo se não deslocam para Belem, e a Associação ou Federação não podem viver sem as receitas dos campeonatos, únicas que lhes entram nos cofres; depois, porque a pista das Salésias não possui agora largura suficiente para disputa de provas regulares, o piso é pior do que o dum terreno de football e não há no campo onde realizar os lançamentos.

Afirmamos sem hesitação que, no Estádio José Manuel Soares, não poderiam ter sido batidos os "récords» de velocidade que baquearam no Estádio do Lumiar.

Na tabela dos melhores resultados portugueses absolutos, foram no decurso da época batidas onze marcas, contra seis apenas no ano precedente. Os "records» das estafetas, aqueles que devemos considerar mais significativos dum progresso de conjunto, foram todos menos dois ultrapassados, e nesses dois de excepção estabeleceram-se os segundos melhores tempos nacionais. Neste capítulo obteve o Sporting Club de Portugal um êxito notável, estabelecendo novos mínimos nacionais em 4×100, 4×200, 3×400, 3×1000 juniors, 4×800 e 4×1500 metros, o mínimo regional nos 3×100 metros e o terceiro tempo português nos 4×400 metros.

Seguindo o exemplo do que é uso nas grandes revistas estrangeiras da especialidade, "Ilustração» oferece hoje aos seus leitores a lista dos dez melhores resultados portugueses em cada prova do programa olímpico, elaborada com os elementos colhidos desde 1912 até final da época corrente.

Corrida de 100 metros: 10,6 s. — António Sarsfield Rodrigues (Sport), José Prata de Lima (Académico). 10,8 s. — Gentil dos Santos (Internacional), Mário Pôrto, José Carvalhosa, Alves Pereira, Mário Cunha Rosa (todos do Sporting), Lima Marques (Académico). 11 s. — Correia Leal (Internacional), Karel Pott (Nun'Alvares), e mais sete corredores.

200 metros: 22,2 s. — Gentil dos Santos (Internacional). 22,6 s. — Sarsfield Rodrigues e Mário Pôrto (ambos do Sport). 22,8 s. — Karel Pott (Nun'Alvares). 23 s. — Armando Cortesão (Int.), Mário Duarte, J. Prata de Lima e Lima Marques (Académico), Alves Pereira (Sporting). 23,2 s. — Adriano Pires (Int.) e Costa Pereira (Sport).

400 metros: 52,6 s. — António Júlio Dias (Sport), Miguel Cunha (Sporting de Braga), Barreiros Gomes (Benfica). 52,8 s. — João Ferraria (Académico). 53 s. — Alfredo da Silveira (Internacional). 53,2 s. — Ildo Gomes (Sporting). 53,4 s. — Armando Cortesão (Int.), Jorge Oliveira (Sport), Alberto Afonso (Belenenses) e António Calado (Sporting).

800 metros: 2 m. 2,1 s. — João Ferraria (Académico). 2 m. 3 s. — Alfredo da Silveira (Int.), António Calado (Sporting). 2 m. 3,4 s. — Arnaldo de Sousa (Sport). 2 m. 3,6 s. — Joaquim Alvarez (Sporting). 2 m. 3,8 s. — António Gonçalves (Benfica) e António Júlio Dias (Sport). 2 m. 4 s. — Anibal Rodrigues (Sporting). 2 m. 4,2 s. — Ildo Gomes (Sporting). 2 m. 5,4 s. — Joaquim Antunes (Belenenses).

1.500 metros: 4 m. 12,4 s. — Manuel Nogueira (Belenenses). 4 m. 14 s. — Matos Henriques (Belenenses). 4 m. 16,6 s. — António de Almeida (Vendedores). 4 m. 17,2 s. — Manuel Dias (Benfica). 4 m. 19,4 s. — Angelino Pinho (Belenenses). 4 m. 19,8 s. — Anibal Rodrigues (Sporting). 4 m. 20,2 s. — Henrique do Carmo (Benfica). 4 m. 20,4 s. — Abílio do Nascimento (Belenenses). 4 m. 20,6 s. — Joaquim Alvarez (Sporting). 4 m. 21 s. — Diamantino França (U. Coimbra).

5.000 metros: 15 m. 25,8 s. — Manuel Dias (Sporting). 15 m. 37 s. — Marques Graça (Vendedores). 15 m. 40 s. — António de Almeida (Vendedores). 15 m. 40,8 s. — Adelino Tavares (Sporting). 15 m. 57,6 s. — Manuel Nogueira (Belenenses). 16 m. 3 s. — António Fonseca (Sporting). 16 m. 3,2 s. — Diamantino França (U. Coimbra). 16 m. 15,6 s. — Matos Henriques (Belenenses). 16 m. 17,4 s. — Ernesto Silva (Vendedores). 16 m. 20,6 s. — José Maria Marques (Vendedores).

10.000 metros: 32 m. 23,8 s. — António de Almeida (Vendedores). 33 m. 28,4 s. — Adelino Tavares (Sporting). 33 m. 29,4 s. — João Miguel (Benfica). 33 m. 44 s. — Manuel Dias (Benfica). 34 m. 8,4 s. — António Fonseca (Sporting). 34 m. 18 s. — Jaime Mendes (Vendedores). 34 m. 22,4 s. — Tiago Ribeiro (Benfica). 35 m. 3 s. — Cecílio Costa (Sporting). 35 m. 5,8 s. — Domingos Jorge (Vendedores). 35 m. 10,2 s. — Mário José (Sport).

Palhares Costa e Martins Vieira os dois melhores corredores de barreiras do atletismo português

Barreiras, 110 metros: 16 s. — Palhares Costa (Sport). 16,4 s. — Saldanha Palhares (Académico), Castro Cabrita e Guilherme Vasconcelos (Int.), Martins Vieira (Benfica), Monteiro Martins (Sport), Barbosa Lima e Araujo Vieira (Atlético de Braga). 16,8 s. — Fernando Rodrigues (Vilanovense). 17 s. — Alfredo de Carvalho (Pôrto), Licínio Vaz (Belenenses).

Alfredo da Silveira, cujo nome figura três vezes na lista dos melhores resultados portugueses

Barreiras, 400 metros: 58,2 s. — Alfredo da Silveira (Internacional). 59,6 s. — Palhares Costa (Sporting). 1 m. — Martins Vieira (Benfica). 1 m. 0,4 s. — Fernando Rodrigues (Vilanovense). 1 m. 1,8 s. — António Gonçalves (Benfica). 1 m. 2 s. — Alberto Afonso (Belenenses). 1 m. 2,2 s. — Guilherme Fragata (Benfica). 1 m. 2,6 s. — Sheitel Martins (Sporting). 1 m. 3,6 s. — Morais de Almeida (Pôrto), Monteiro Martins (Sport).

Saltos em altura: 1m, 82 — Pascoal de Almeida (Cruz Quebrada). 1m, 76 — Carlos Antero (Sporting). 1m, 75 — Palhares Costa (Sporting), Martins Vieira (Benfica), Alberto Cunha (Académico). 1m, 74 — Adolfo Brito (Sport), Costa Macedo (Internacional). 1m, 73 — Costa Cabral (Internacional). 1m, 725 — J. Cabrita e Luiz Aguiar (Sporting).

Saltos em comprimento: 6m, 80 — José Carvalhosa (Sporting). 6m, 67 — Carlos Santos (Benfica), Manuel Oliveira (Sporting). 6m, 64 — Mário Pôrto (Sporting). 6m, 59 — Miguel Cunha (S. Braga). 6m, 58 — Apio de Almeida (Sporting). 6m, 55 — Tavares Júnior (Académico). 6m, 54 — Fernando Marrecas (Sporting), Lima Marques (Académico), Guilherme Vasconcelos (Internacional).

Triplo-salto: 13m, 43 — Acácio Mesquita (Pôrto). 13m, 41 — Guilherme Vasconcelos (Internacional). 13m, 25 — Lima Marques (Académico). 12m, 975 — José Neto (Benfica). 12m, 94 — Fernando Marrecas (Sporting). 12m, 92 — Acácio Santos (Probidade). 12m, 78 — Henrique Fabião (Académico), Henrique Costa (Belenenses). 12m, 70 — Agonia Vieira (Académico). 12m, 65 — Apio de Almeida (Sporting).

Saltos à vara: 3m, 40 — Mário Saraiva (Gaia). 3m, 35 — Manuel Oliveira (Sport). 3m, 30 — Francisco Duarte (Académico), Arnaldo Borges (Porto), Cristóvão Cardoso e Martins Vieira (Benfica), Fernando Boaventura (Ateneu). 3m, 27 — Cabeça Ramos (Benfica). 3m, 22 — Raul Rogério (Sporting).

Lançamento do pêso: 13m, 07 — José Garnel (Sporting). 12m, 92 — António Cardoso (Internacional). 12m, 64 — Emídio Ruivo (Sporting). 12m, 12 — Alberto Ferreira (Porto). 11m, 98 — Herculano Mendes (Académico). 11m, 85 — Peixoto Correia (Académico). 11m, 68 — António Morgado (Sporting). 11m, 64 — Romeu Correia (Belenenses). 11m, 43 — Raul Monteiro (Académico). 11m, 33 — Alexandre Lopes (Académica de Coimbra).

Lançamento do disco: 43m, 70 — Herculano Mendes (Académico). 41m — António Cardoso (Internacional). 39m, 12 — José Garnel (Sporting). 36m, 34 — Emídio Ruivo (Sporting). 36m, 10 — Nunes Marques (Internacional). 35m, 22 — António Marques (A. Braga). 35m, 12 — António Silva Martins (Internacional). 34m, 78 — Luís Retumba (Sport). 34m, 42 — Gonçalves Vieira (A. Braga). 34m, 35 — Alberto Ferreira (Pôrto).

Lançamento do dardo: 50m, 88 — António Cadete (Académico). 50m, 44 — Manuel Farinha (Sporting). 49m, 66 — José Garnel (Sporting). 48m, 93 — António Rodrigues (Ateneu). 48m, 72 — Adriano Pires (Internacional). 48m, 60 — Arsénio Soares (Sporting). 47m, 52 — Júlio Ramos (Académico). 46m, 64 Fernando Proença (Académico). 46m, 13 — Fernando Rodrigues (Vilanovense), Eugénio Franco (Académico).

Herculano Mendes, detentor dos máximos nacionais nos lançamentos do disco e martelo

Pascoal de Almeida, detentor há 22 anos do «record» português do salto em altura

Lançamento do martelo: 43m, 96 — Herculano Mendes (Académico). 35m — Lis Ferreira (Internacional). 33m, 57 — António Cardoso (Internacional). 33m, 06 — Ferreira Borges (Internacional). 32m, 86 — Alberto Ferreira (Pôrto). 30m, 52 — Manuel dos Santos (Leiria). 30m, 31 — Carlos da Silveira (Internacional).

O valor médio destas marcas está ainda muito longe de possuir equivalência de classe internacional.

São muito bons os melhores tempos dos 100 metros, mas infelizmente não foram nunca confirmados pelos seus autores quando levados a competições no estrangeiro, e os mesmos homens provam em 200 metros uma disparidade de merecimento que só uma enorme deficiência de treino consegue justificar, partindo do princípio de que não existe favor de cronometragens.

Nas corridas da légua e das duas léguas também os especialistas portuguêses afirmam valor apreciável, êste reforçado por algumas vitórias contra campeões estrangeiros, ou classificações honrosas; estão no caso os triunfos alcançados por José Maria Marques no I Portugal-Espanha em Madrid, por Marques Graça nos jogos Internacionais de Preparação Olímpica, por Adelino Tavares em Barcelona e ainda a prova de Manuel Dias na Maratona de Berlim.

O restante fica muito abaixo do nível.

SALAZAR CARREIRA.

DO TEMPO QUE JÁ LÁ VAI...

SAUDADES DE BULHÃO PATO

Em Setembro de 1912, recebi de um amigo que sempre acompanhou a minha carreira teatral no estrangeiro, com amizade nunca desmentida, a notícia da morte de Bulhão Pato, o lírico encantador que com D. João da Câmara formava à frente do romantismo da sua época.

Estava eu então em Bruxelas, e essa notícia veio empanar de tristeza os meus triunfos de artista.

Faz agora precisamente vinte e cinco anos, e o meu coração, cheio ainda da perturbante impressão que causou em mim a figura física e espiritual do autor da tão falada *Paquita*, pede-me que recorde êsse pedacinho do meu passado, por certo um dos que mais se gravaram na minha lembrança.

Falei com Bulhão Pato, apenas uma vez, mas essa vez valeu por muitas horas e mesmo muitos dias de convívio.

Há pessoas com quem a gente priva a meúdo, e que não conseguem marcar-se na nossa recordação, porque nelas não há nada de novo, nem de distinto da vulgaridade, que bula com o nosso poder emotivo ou com a nossa ânsia de beleza.

Vêmo-las, falamos-lhes, e daí a pouco esquecemos que existem até encontrá-las novamente no nosso caminho.

E a impressão não chega nunca. É sempre a mesma falta de interêsse, a mesma sensaboria.

São sempre os mesmos traços, sem nada que nos fira a vista, é sempre a mesma conversa insípida, sem uma faúlha de espírito, ou de graça.

A gente olha, escuta e sorri, finge que está muito interessada, para não ser descortez, mas morta que a criatura desande para outros lugares.

Há, então, pessoas das quais se desprende uma espécie de fluido que se esgueira para dentro da nossa alma e nos subjuga; e delas não apartamos os olhos enlevados, e a sua voz seduz-nos e tudo quanto dizem nos parece hino de beleza, toada de harmonia, encantamento, enfim.

Foi assim com D. João da Câmara a quem se devem tantos poemas de amor teatralisado, e foi assim com Bulhão Pato.

D. João da Câmara era o amoroso tímido, sentindo muito e não ousando deitar cá para fóra tudo quanto sentia.

Bulhão Pato tinha o mesmo ar romântico, de mistura com um não sei quê de mosqueteiro.

Talvez fôsse a pêra que lhe desse êsse não sei quê — êsse *it*, como querem os americanos.

■

Era no tempo em que se representavam no teatro Condes as peças de D. João da Câmara e Schwalbach — outro nome que andava também no galarim da fama, outro idealista.

Uma noite convidaram-me, por intermédio da Angela, a assistir a um banquete nos "Makavenkos", em honra de Bulhão Pato, para festejar um aniversário do poeta.

E é bom explicar o que era êsse clube, não se vá pensar que era algum lugar de pândega desenfreada.

Era uma "tertúlia" fina correcta, freqüentada por literatos, artistas, e gente de situação evidente, na política e no comércio.

Não me lembro bem de tôdas as pessôas que ali estavam, nessa ocasião.

Tenho visto tanto mundo, e enfrentado tanto público, que não admira que as novas camadas de reminiscência cubram as mais antigas.

Um dos convivas era com certeza o o Petra Viana, conselheiro. Desse lembro-me eu bem por causa dos dentes, que eram muito escuros, como os de Blacaman, com a diferença que o domador os forrou propositadamente com platina e os do Petra eram assim mesmo de sua natureza.

Bulhão Pato

Encontrei-o, quando regressei a Portugal, já com outros dentes, que bom dinheiro lhe deviam ter custado.

Era um excelente sujeito, muito amigo do Grandela, e creio que um dos fundadores do famoso "clube" que ainda hoje existe, nos bairros do cinema Condes.

Estavam D. João da Câmara, a Angela Pinto, o Vale, o Grandela, o Urbano de Castro, creio que o Rafael Bordalo, e alguns mais, cujos nomes não me ocorrem.

Apresentaram-me ao festejado, e êle pediu-me logo que cantasse o fado; — naquele tempo era obrigatório eu cantar o fado, onde quer que aparecesse, depois do êxito do *Brasileiro Pancrácio*. Deu-me umas quadras e recomendou-me que as incluisse no meu repertório de fados.

E eu nunca, nunca me esqueci de as cantar, quer em Portugal, quer no estrangeiro:

Oh! geme, guitarra, geme,
Que aos teus gemidos, agora,
A minha alma também chora,
Oh! geme, guitarra, geme!

Oh! geme, que neste mundo
Não gemem só desvalidos,
Geme na costa o mar fundo,
No ocaso o sol tem gemidos.

Mas o sol tem muita aurora,
O mar tem muita bonança,
E eu já não tenho uma esp'rança...
Oh! chora, guitarra, chora!

■

Com que unção êle me escutava, quando ali lhe cantei as três quadras que escolhi.

Como lhe brilhavam os olhos de enternecimento, lembrando-se talvez das horas boas que por êle passaram e que lhe deixaram aquela saüdade e aquela desesperança.

O seu bigode e a sua pera à mosqueteiro envelheciam já.

Eu estava no princípio da minha carreira, e aquelas palmas, com que premiou a minha interpretação, guardei-as como "porte-bonheur", e não me arrependi depois. Eu não sabia como testemunhar-lhe a minha admiração, no meio dos discursos festivos, dos abraços calorosos com que os cumulavam.

Palavras mais preciosas não as diria, mas queria exteriorisar eloquentemente o meu sentir, e para isso levantei-me do meu lugar e fui dar-lhe um beijo. E sei que êle o recebeu e o guardou para sempre na sua memória, como um grito sincero de um coração que não mentia.

Já têm visto que eu algumas vezes escolhi esta maneira de distinguir alguem com a minha admiração e a minha estima.

É que eu considerei sempre o beijo quasi como um rito religioso.

Entendi sempre que êsse gesto que Judas poluiu não devia fazer-se senão comandado por um impulso nobre: amor, carinho, perdão, admiração ou bondade.

Pode ser carícia e pode ser preito. E nunca uma mercadoria.

A carícia deve ser sentida e o preito sincero. Bulhão Pato, pela sua alma luminosa, mereceu-o bem, e agora mesmo, ao recorda-lo, parece-me que sinto ainda o seu olhar no meu olhar.

MERCEDES BLASCO.

A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE CAMPISMO

A salutar campanha tentada há tempos pelo dr. Samuel Maia em favor da vida ao ar livre começa finalmente a dar fruto. Há dias realizou-se, perto da Azambuja, à beira duma vinha, a primeira experiência de campismo, sendo de pão e uvas a sua base alimentar. Algumas famílias praticaram durante dois dias uma medicina nova, simples e higiénica, ao alcance de todos os espíritos. O acampamento era chefiado pelo sr. José Moreira, sendo a parte técnica da montagem dirigida pelo engenheiro Sá Nogueira, da Junta Nacional do Vinho.

Entre as numerosas visitas que honraram o acampamento, vimos o sr. dr. Samuel Maia que manifestou a sua satisfação ao verificar os efeitos da sua salutar campanha. E, aproveitando o ensejo, o ilustre romancista do "Sexo Forte" proferiu um brilhante discurso em que fez realçar a magnificência das riquezas naturais da nossa terra.

Dado o sinal de abalada, verificou-se que a quantidade total de uvas consumidas pelo acampamento dos doze campistas reünidos em Vale-de-Fornos, foi de 70 quilos. Acrescentando os dois quilos de pão, por bôca, surge uma despeza de alimentação durante as 40 horas de arejamento, que não foi muito além de dez escudos por pessoa.

Em boa verdade, um tão delicioso estacionamento que nos lavou os pulmões com os ares puríssimos e os tonificou com o hálito perfumado dos pinhais e nos dessedentou com fontes cantantes e cristalinas por entre vegetação exuberante, leva-nos a continuar sempre que nos seja possível.

Esta vida é tão cheia de contrariedades, que é natural que a humanidade procure distracções e divertimentos.

E' justo que, quem trabalha, tenha ao menos um dia na semana, em que procure divertir-se e distrair o espírito das preocupações de todos os dias, levantando-o num agradável passeio, ou num espectáculo de arte.

A gente nova tem também sempre o desejo de se divertir, desejo êste bem compreensível em quem sente em si tôda a fôrça da vida e tôda a curiosidade que ela desperta nos espíritos novos. Mas entre êste desejo natural de distracção e o fazer da vida uma ininterrupta sucessão de divertimentos vai uma diferença colossal.

No entanto há ainda nesta época de preocupação, época que marca um período afectado da humanidade, gente que vive só para se divertir sem a consciência dos seus deveres, sem compreender que quem gasta a vida em inúteis distracções dispersa um tesouro precioso, que não torna a reaver e que poderia ser aproveitado em qualquer obra útil, que no fim daria muito maior alegria e satisfação do que êsses divertimentos que pela sua continuidade acabam por perder o encanto e tornam-se muitas vezes sem o mais pequeno interêsse, continuando as pessoas a frequentá-las, mais por hábito do que por prazer.

E tanto assim é, que geralmente as grandes neurastenias atacam, não aqueles que trabalham muito, mas sim aqueles, que esbanjam a vida em distracções.

Mas se a alguns nada importa que essa vida seja inútil e que apenas tenhamos que lamentar uma energia perdida que bem aproveitada poderia talvez ter alguma utilidade na vida colectiva, outras há que são verdadeiras criminosas ao enveredar por êsse caminho e são essas as mães de família.

Mulheres casadas que tem a sua casa a dirigir, que tomaram graves encargos no dia em que perante Deus e perante os homens constituíram família e que se tem filhas viram redobrar as suas responsabilidades, criando e educando filhos, tem de se convencer que não podem fazer da sua vida um divertimento contínuo, sem outro fim que não seja ser bela e mostrar-se em todos os primores da sua elegância, dansar, jogar e procurar ser a primeira em tôda a parte onde se apresenta.

Nas praias mais do que em qualquer outro ponto se pode julgar o nocivo que é, o certo pensar de algumas senhoras. Nas cidades cada um vive como entende e se pela educação geral, se sente o falso da vida de muita gente, nas praias onde a convivência é quási obrigatória ela salta aos olhos à primeira vista.

E se é uma alegria ver que em Portugal ainda há muitas mães, que vivem para seus filhinhos e que com êles tem todos os desvelos, regulando a sua vida pela das crianças, vigiando-as, tratando-os e fazendo a sua felicidade do dever cumprido, dever que o carinho e o amor tornam tão fácil, é uma tristeza constatar, que as más ideias de libertação e de falsa elegância atingiram e feriram o cérebro e o coração de tanta mulher nova.

E' triste dizê-lo mas essas mulheres chegam à aberração de achar burguez ocupar-se das filhas e acham falha de elegância a mulher que se ocupa dos seus filhos; embora ela tenha essa elegância distinta, que faz com que uma senhora, seja sempre elegante e muito mais quando junta à elegância e à beleza a compreensão dos seus deveres.

O que é para lamentar é ver crianças completamente entregues a criadas, que sem direcção nem orientação, se entreteem como lhes parece, deixando as crianças expostas a todos os perigos, que as rodeiam na sua inexperiência e inocência.

As mães dormem em casa, cansadas da dança, que ocupa tôdas as suas noites nos Casinos da localidade, ou nadam em grupo alegre sem se ocupar seguer em lançar um olhar aos pequeninos que se uma onda arrasta, desaparecem de vez na voragem das águas.

Que importa, se a elegância, essa falsa elegância está acima de tudo. Se as obriga a privarem-se da santa alegria de compartilharem os brinquedos dos seus e a compartilharem dos seus gozos inocentes e encantadores.

E' lamentável que a vida se tenha modificado tanto e que só consigam penetrar entre nós os maus aspectos duma falsa civilização desmoralisadora, que destrói tudo o que há de elevado e bom na alma feminina.

Há na vida muito mais altas aspirações do que a de divertir-se ou o de ser elegante, e, para uma mulher inteligente, que não seja uma boneca com cérebro de passarinho, nenhuma mais alta e mais elevada do que cumprir os seus deveres de mãi cuidadosa, deveres que se as privam de certos divertimentos, que na vida são bem dispensáveis, lhes podem proporcionar as mais suaves alegrias.

Alegrias que nada pode substituir, porque são aquelas que dá o dever bem compreendido e inteligentemente parado em acção.

Que a mulher portuguesa se compenetre bem disto e continue a ser sempre a mãi carinhosa e dedicada que prefere os filhos aos divertimentos.

Maria de Eça.

A moda

Com o mês de outono aparecem as modas que nos lembram que está o inverno para vir, mas no nosso privilegiado clima o outono prolonga-se muito mais, do que em qualquer outro país da Europa, e, pode até dizer-se sem exagêro que é a mais bela estação do ano, a temperatura é ainda suave e doce, o sol brilha em todo o seu esplendor e o vento que tanto nos fustiga na primavera e no verão acalma e deixa-nos gozar êsses maravilhosos pôr de sol, que nos dão tanta alegria pela sua deslumbrante beleza. Mas não há senhora verdadeiramente elegante, que se sinta satisfeita, se não tiver a sua «toilette» de outono.

E' preciso pois satisfazermos êsse gôsto e aqui temos modêlos, que embora muito simples contribuirão para a elegância das nossas leitoras.

Nesta época do ano há muitas festas principalmente no Estoril que tendo um clima que lhe permite ser, estação de verão e estação de inverno, não vê nunca a sua concorrência diminuída, da freqüência de nacionais à de estrangeiros, que é o dos que vivem em climas ásperos e vêm gozar a beleza e a loucura do nosso sol, não há quási intervalo e outubro é o mesmo mês das mais escolhidas festas que são de suprema distinção.

Para elas apresentamos duas lindas «toilettes» de noite.

Uma delas usada por Gladys Swarthout a simpática estrêla da Paramount Pictures é feita numa linda musselina branca tecida com prata. E' um vestido de jantar da máxima simplicidade, as mangas compridas e franzidas têm uma guarnição em espiguilha de prata, que guarnece também o decote rente ao pescoço. Um largo galão de prata cinge a cintura e desce na frente da saia.

Uma capa em veludo vermelho forrada de «lamé» completa êste conjunto muito novo.

Outro vestido de jantar da mais subida elegância em setim branco, dum córte difícil que um preguçado na frente da saia guarnece dando-lhe muita roda, tem o cunho das mais altas novidades. E' cingido à cintura por uma fivela em oiro e esmeraldas, como de oiro e esmeraldas são as pulseiras, que as lufadas mangas, que são abaixo do cotovelo deixam à vista sôbre as luvas de pelica branca.

Para a rua temos um gracioso conjunto usado pela linda Madge Evans a conhecida artista da Metro Goldwin Mayer, que tem um chic muito especial.

Sôbre uma saia em pano côr de castanho, uma jaqueta em tecido peludo, de côr dourada, guarnecido com botões côr de castanho. Chapéu em feltro castanho, guarnecido a fita «grasgrain» da mesma côr e franjada a doirado. Lenço castanho e amarelo doirado estilo «cachemire».

Um «tailleur» clássico é sempre apreciado na meia estação, e na verde nada há mais bonito e elegante para fazer realçar a gentileza duma figura de mulher. Aqui temos um lindo modêlo em fazenda azul escura. A saia é estreita e lisa tendo ao lado um galão que marca de alto abaixo a costura. O casaco é também fitado. Uma «écharpe» em setim azul escuro faz o peitilho, pequeno feltro no mesmo tom, sapatos em camurça, luvas e carteira em pele azul escuro tornam êste conjunto duma grande distinção e requintado gôsto.

O penteado requer sempre a atenção e sobretudo para a noite é sempre um motivo dos maiores cuidados. Muitas senhoras estão a deixar crescer o cabelo, o que ainda mais dificulta a correção do penteado, pois há uma certa altura, que não enrola o cabelo e difícil se torna pentea-lo.

Neste penteado que hoje damos, está vencida com a maior elegância essa dificuldade. Este penteado é também dedicado às senhoras que têm o cabelo grisalho e são ainda novas.

PÁGINAS FEMININAS

E para notar que actualmente se vêem imensas senhoras muito novas e frescas com o cabelo grisalho, como em geral o tom do cabelo não é muito bonito, os cabeleireiros parisienses tiveram uma invenção a que chamam «passer au bleu» os cabelos.

Na última água em que lavam os cabelos deitam uma sombra de anil, muito ligeira, que dá um tom azulado aos cabelos escuros e brancos e à noite dá um efeito encantador.

Quem quizer fazer êste tratamento, chamemos-lhe assim, deve fazê-lo dois dias antes daquele em que quere que o penteado dê o maior efeito.

Higiene e beleza

Muitas senhoras se queixam de ter um excesso de gordura no peito, que prejudica a elegância da sua linha.

Eis uma receita para o emagrecimento local; aplicar a seguinte pomada levemente, sem friccionar: lodureto de potássio, 3 gr.; iodo, 30 gr.; vaselina, 30 gr.; deixar-se estar o peito assim untado durante meia hora, em seguida cobrir o peito de compressas quentes embebidas em acetato de chumbo, 5 gr.; água destilada, 100 gr. Cobrir de «taffetás» impermeável, para conservar o calor. Deixar estar até arrefecer, não deixando esfriar.

Quando o emagrecimento se dá é conveniente enrijar os tecidos pelo seguinte meio, tomar uma duche morna acompanhada duma ensaboadela. Preparar em seguida um banho no qual se dissolvem 2 quilos de sal cinzento. Secar ao fim de dum quarto de hora, por meio de toalhas sem esfregar para conservar a camada de sal depositada na pele durante uma hora. Lavar-se em seguida em água pura e simples.

Se a acção do sal causa comichões, tomar uma duche rápida sem esperar o tempo fixado. Estes tratamentos nunca devem ser feitos pelas pessoas que sofrem do coração.

Como uma galinha salva um doente

Uma interessante notícia do jornal «Pravda», de Belgrado faz-nos conhecer como uma galinha salvou um doente.

Um célebre médico operador tinha sido chamado com tôda a urgência para salvar um doente, mas o combóio em que ia descarrilou, o médico foi a pé até à outra estação mas ali soube que não havia combóio de passageiros antes de 2 horas, para a direcção desejada. O coração apertou-se-lhe, a vida do doente dependia da imediata intervenção.

Mas a sua alma filantrópica alegrou-se estava para partir um combóio de mercadorias, que saía da estação dentro dum quarto de hora. Saltou para um dos vagões. Mas o chefe da estação veio dizer-lhe que não podia de maneira nenhuma seguir, porque o regulamento proíbia as viagens nesses combóios a quem não acompanhasse mercadoria viva.

Apesar dos protestos de que uma vida humana valia mais do que o regulamento, foi obrigado a descer. Nisto viu a pouca distância uma galinha que procurava nas linhas grãositos de milho, saltou sôbre ela agarrou-a e subiu para o combóio já em andamento, com viva satisfação assim como o chefe da estação que não transgredia o regulamento visto que levava mercadoria viva. A operação foi felicíssima e o doente salvou-se. Tudo devido a uma galinha!

Receitas de cozinha

Terrina de lebre: No tempo da caça abundam as lebres e eis uma maneira de as cozinhar.

Tome-se uma lebre nova, esfole-se e limpe-se das vísceras, recolhendo o sangue. Separem-se os lombos e as carnes das coxas e lardeiem-se com toucinho em tiras fininhas. Ponham-se os bocados lardeados, numa vasilha pequena com sal, pimenta, duas colheradas de bom azeite e uma pitadinha de noz moscada, um pouco de salsa picada e deixe-se em repouso algumas horas.

Desossem-se os restos da carne da lebre, limpem-se de tendões e nervos, juntem-se-lhes 200 gr. de lombo de porco magro e 250 gr. de toucinho sem coiro, passe-se tudo pela máquina de picar até reduzir a uma massa bem fina e homogénea, à qual se liga o sangue da lebre, temperando-a depois com sal fino, pimenta, noz moscada, e especiarias quem gostar.

Toma-se uma terrina de barro, guarnece-se com tiras de toucinho muito finas, coloca-se no fundo uma camada da massa fina, pondo por cima desta os bocados da lebre, uma nova camada da massa fina, por cima, o resto dos bocados da lebre, que se cobrem com o resto da massa fina, pondo por cima desta ainda uma fatia delgada de toucinho, que se cobre com uma fôlha de loureiro.

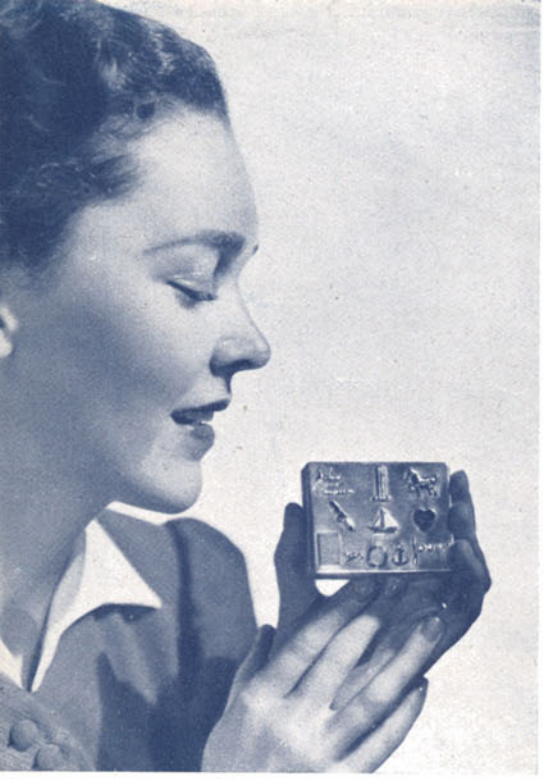
Tapa se a terrina, mete-se dentro duma caçarola na qual se deita água fervente, leva-se ao forno, deixa-se ferver brandamente hora e meia, retira-se do lume a terrina e dela a fôlha de loureiro, cobre-se a superfície com pingue derretido, depois do arrefecimento, e conserva-se para servir em momento oportuno.

De mulher para mulher

Maria Clara: É sempre da maior utilidade aproveitar as coisas que temos em casa e concordo absolutamente que deve ficar muito bem o casaco como diz, não me diz a côr mas calculo que seja preto. Se não fôsse forte como me diz aconselhar-lhe ia uma saia em xadrez, em fazenda de lã, mas sendo forte e não alta é preferível uma saia em pano preto ou em setim. Desculpe a demora na resposta, mas tem de ser por ordem de recepção.

Indiana: Só me posso lisongear de receber consultas de tão longe O seu caso é um bocado difícil de resolver e aconselho-lhe, que abra a sua alma a seus pais, que melhor que ninguém a aconselharão justamente. Sôbre essas opiniões que me diz, não dê importância. Se fôssemos a guiar nos pelo que dizem, estávamos como o «velho, o rapaz e o burro» da fábula de La Fontaine. Pense maduramente e resolva depois de falar a seus pais.

Inquieta: Sossegue isso são coisas que passam e não têm na vida a mais pequena importância. No entanto que lhe sirva de lição e tenha o maior cuidado de aqui por diante se ainda quer ser feliz na vida o que lhe desejo do coração.



COMO SE MANIFESTA O AMOR

O amor é um sentimento natural da humanidade. Em chegando à juventude, o pleno crescimento, rapazes e raparigas procuram-se, fazem a sua escolha, umas vezes tão acertada que se casam e tôda a vida são felizes, outras chegam ao casamento e não eram talhados um para o outro e de aí os casamentos infelizes, as vidas estragadas, as desgraças, os ciumes e até, infelizmente os crimes, porque o amor, êsse sentimento todo doçura, quando se passa entre pessoas que se compreendem e estimam, quando não acertam os caracteres e só dum lado se mantem, êsse fôgo atinge o grau do ódio, da loucura e arrasta a tôdas as degradações e mesmo ao crime.

E' tão natural êste sentimento na humanidade, que aqueles que atravessam uma vida inteira sem o ter sentido, ressentem-se na sua maneira de ser, em geral dum feroz egoismo.

Não sentir palpitar o coração a um passo bem conhecido, não sentir êsse desejo de dedicação que faz, com que nada seja sacrifício pela pessoa que se ama, tem uma grande influência no carácter humano, que em geral se torna árido e sêco.

Mas de país para país o amor se manifesta duma maneira diversa e o namoro é diferente de época para época e de latitude para latitude.

Os nórdicos são em geral frios nas suas manifestações amorosas, mas serenos, doces e agradáveis, em geral os pares que vemos por êsses países do norte tem o ar de se compreender e de passarem uma temporada alegre e feliz, na esperança de completa felicidade.

Tem sorrisos de quem vive em completo acôrdo e é interessante ver êsses amorosos, que se juntam para jogar o «tennis», para fazer um passeio de barco, remando juntos, ir ao cinema, para dançarem, sempre o mesmo sorriso alegre e satisfeito, quer os encontremos, num «tennis» de Copenhague, num «dancing» de Berlim, num cinema de Oslo, ou nas margens poéticas e deliciosas do Tamisa.

Em França, há certo excesso de ternura piegas nesses pares, que vemos em «auto» no cinema, uma certa exteriorisação de sentimento, de materialismo no amor que já não tem êsse encanto de ingenuidade dos nórdicos.

Na doce Itália os pares que se encontram tem o aspecto de se derreterem em mel, com um relampejar de olhares, que demonstram não estar longe o torvo ciume que tudo pode modificar, embora a doçura do clima convide a não haver violências, mas é para notar que sempre nos climas doces e agradáveis é mais impetuoso e violento o carácter dos naturais.

Em Espanha o amor é violento, ardente e impetuoso, ciumento e quási feroz. Quer se ame nos cinemas, de Madrid que antes da guerra eram dos melhores da Europa, ou nas «rejas» da linda Andaluzia, há sempre o ciume violento e negro, adejando, sôbre as frases ternas e os incendiados olhares.

A ameaça acompanha o requebro e ai daquele ou daquela que não corresponde a um violento amor, a uma ardorosa paixão. São em geral êstes amores assim tão fortes e tão violentos, o triste prenúncio dos maus casamentos, das futuras separações e do seu péssimo remédio: o divórcio.

Em Portugal através de todos os tempos o amor tem sido piegas e rabujento. Depois das violências da Idade Média e das pieguices do século XVIII em que o amor era todo requintes e ramalhetes, veio êsse amor do século XIX e princípio do século XX, o amor a distância, o amor da janela abaixo, que vai desaparecendo dos nossos hábitos e que agora raramente se vê sobretudo nas cidades onde os costumes modernos mais depressa entram.

Esse amor que tinha um certo romantismo e muita incomodidade; era já por si uma prova de muito querer, porque passar horas em pé, no meio da rua, era para o apaixonado uma prova de imensa afeição; como o era também para a sua querida, o estar tempo infinito encostada ao peitoril da janela de cabeça para baixo.

Não era preciso que se afirmassem em ardentes declarações o mútuo sentimento que as animava, bastava a incómoda posição e os reumatismos futuros que as molhas assim apanhadas prometiam para se dever ter a certeza que só um sentimento profundo assim podia levar a tanto sacrifício e tão doloroso. Mas hoje já assim não é a liberdade das raparigas e o justo sentimento da comodidade fez adoptar os costumes de outros países, e, se entre nós ainda não é muito bem visto, que os namorados passeem sós e vão juntos ao cinema. Já o fazem acompanhados por alguém que se presta a êsse doloroso papel de pau de cabeleira.

O que é verdade é que entre nós o amor é um pouco rabugento, o amor português, que não tem a severa ingenuidade do amor nordico, nem o excesso de franqueza do amor francez, que não tem a doce piéguice do italiano, nem a violência trágica do amor espanhol, resente-se da visinhança, com a abundancia do ciúme.

O ciúme é bem português, e o amuo é uma condição do namoro. Quem tem percorrido muitos países e tem observado com os olhos de vêr, o que à sua volta se passa, acaba por descobrir com facilidade a nacionalidade dos pares que se encontram.

Os amuados são sempre os portuguezes. O amuo é uma instituição nacional que se manifesta em tôdas as classes. Estão amuados no cinema, os namorados da cidade, que conseguiram estas horas de encontro, depois de tantas espectativas e muitas vezes de sacrifício, estão amuados os que ainda se falam da rua para a janela, amuados na mais incómoda das situações a que seria muito mais prudente pôr um têrmo, mas não, horas seguidas de amuo sustentadas a pé firme! E na fonte da aldeia, à hora de encherem os cantaros da cristalina água que à cabeça acarretam as bonitas moçoilas para suas casas, lá estão os apaixonados, que todo o dia suspiram por essa hora abençoada, à espera delas.

Mas lá nem o amuo, e aí estão de costas um para o outro sem atar nem desatar, os cantaros, enchem-se, transbordam e êles amuados, estragando essas horas, mas quem sabe se é estraga-las e se não encontram infinito encanto nêsses amuos, que se prestam a reconciliações de ternura?!

O que é muito interessante de observar é que numa coisa todos procedem de igual forma, os serenos nordicos, os ardentes latinos, os alegres, os trágicos, os rabugentos, e está nisso em tratarem a mulher por quem se apaixonam como um bébé, que cumulam de presentes, que mimam com surprezas. É sintomático êste afan em obsequiar a mulher que conserva apesar da sua independencia e da sua liberdade, um certo fundo infantil, que fará sempre dela a eterna criança.

Desde o moço da aldeia que presenteia a noiva com um par de arrecadas, ao elegante que passa no seu apurado e esguio dedo o anel de esponsais, todos presenteiam a mulher de seus sonhos.

Mas um dos mais graciosos presentes de que tenho ouvido falar é sem dúvida aquele que a nossa gravura representa e que é uma demonstração da imaginação do amor americano, que em tudo tem fantasia.

Representa ela, Maureeu O' Lalheiau, a linda estrela da Metro Goldwyn Mayer tendo na mão um presente que lhe fez John Farrow, seu marido, nas vesperas do seu casamento.

Esse simbólico presente é uma caixa de oiro para o pó de arroz compacto, objecto precioso para a mulher moderna, que nunca o abandona e que contem na tampa cinzelada, tôda a história do seu amor.

As figuras em miniatura representam a história do seu romance desde o seu encontro.

Assim vê-se da esquerda para a direita: «John encontra-se com Maureeu, a sua temperatura sóbe, um termómetro representa essa subida de temperatura, passeiam a cavalo, um inolvidável passeio em que a atração mutua se acentua, um cavalo comemora o delicioso passeio, fazem juntos um vôo na atmosfera azul sem nuvens, que esperam seja a da sua vida, uma helice marca esso nova étape do seu romance, uma viagem num «yacht» de amigos comuns, marca o rénith dessa paixão, um barco recorda essa fase de felicidade em que o amor não poude ser dominado e explodiu numa ardente declaração, que um coração simboliza, e, faz a Deus uma oraçção fervorosa para que ela diga essa única palavra que para ele representa tudo, sim, e lá está ela marcada, essa palavra mágica que traria ao seu coração a certeza da felicidade, deu-lha o anel de esponsais, que lá está marcado e que a ancorou para sempre na sua vida, e, por isso figura a ancora na tampa da caixa.

E é caso para desejar-lhe que ela sempre que põe pó de arroz se lembre que ancorou para sempre e que ambos encontrem a felicidade duradoira, que parece tão difícil de conseguir em Hollywood.

E o mesmo temos de desejar aos inúmeros namorados, serenos, ingénuos e calmos como os nórdicos, ardentes ciumentos e violentos como os latinos, amuados ou não.

O casamento como símbolo de felicidade por tôdas, um casamento bem compreendido e que as faça ancorar para sempre.

MARIA DE EÇA.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

NA CURIA

Por iniciativa da ilustre artista D. Palmira Bastos, realizou-se no salão de festas do Palace Hotel, da Curia, uma récita de caridade, seguida de baile, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, actualmente passando o verão dessa bela estância termal, e cujo produto se destina a favor dos pobres da região.

Constou o programa da representação da lindíssima peça em um acto «Primeiro beijo» original do notável dramaturgo sr. dr. Júlio Dantas, interpretado pelos distintos amadores D. Maria Cecília Lopes, na «Morgada da Rosa»; Mário Gomes Rocha, no «Morgado de Amarais» e Alberto Rodrigues Queiroz, no «Guardião de S. Francisco», que, embora estreantes, sairam brilhantemente do seu empreendimento, dizendo muito bem essas lindas páginas literárias. No final do acto foram os improvisados artistas frenèticamente aplaudidos pela selecta assistência que enchia o vasto salão do Palace, aplausos que também compartilhou a ilustre artista D. Palmira Bastos, a quem se deve sem dúvida alguma o exito que obteve êsse encantador acto, pois foi ela que dirigiu os ensaios e conduziu os seus interpretes, que compunha a primeira parte do programa.

A segunda parte era formada por numeros de canto, recitação e de ilusionismo, figurando nos primeiros as sr.as D. Alda Gomes Rosmanhinho e D. Mariana Lebre Navega, que deliciaram a assistência com vários fados e canções, no segundo a sr.ª D. Maria Cecília Lopes de Almeida, que recitou com arte a encantadora poesia «A Truta», de Eugénio de Castro e finalmente o distinto amador «Dic» fez alguns numeros de prestidigitação, em que mostrou as suas belas faculdades para êsse género de trabalho, não só pela rapidez, como sôbre tudo pela forma linda como trabalha, rivalizando sem dúvida alguma com muitos profissionais. No final do seu belo trabalho, o distinto amador, dintinto aluno de Direito, foi frenèticamente aplaudido.

A terceira parte do belo programa, foi preenchido pela insigne artista D. Palmira Bastos, que mais uma vez deliciou o público, com a sua arte, prendendo sôbre maneira o auditório, a inevidável artista recitou magistralmente as poesias «Romance da pastora linda», de António Feijó; «Fala do Berço», de António Correia de Oliveira e «Caridade», de Campos Monteiro, como só ela o sabe fazer, e cantou com verdadeira arte as seguintes canções «Flor da Murta», de Silva Tavares e Coutinho de Oliveira; «Cravos Vermelhos», de Henrique Galvão e A. Ferreira e «Quentinhas senhor Doutor», de Pereira Coelho, dr. António Horta Costa e Jaime Silva, e finalmente a pedido recitou ainda a inspirada poesia de Eugénio de Castro «Eterna Esperança», recebendo ao terminar cada número frenéticos aplausos, aplausos que se repetiram no final.

Antes de se dar começo ao baile, que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, foi entregue pelas senhoras que tomaram parte na festa uma lindíssima «corbeille» de cravos à inolvidável artista, que comovidamente agradeceu a homenagem que nessa ocasião lhe foi tributada pela assistência.

Num dos intervalos foi leiloado um artístico boneco, oferecido pelo importante industrial hoteleiro sr. Alexandre de Almeida, sendo adquirido pelo sr. Francisco Bertrand, pela quantia de 340$00.

Damos em seguida a nota de receita e despeza dessa linda festa, decerto ficará gravada a letras de oiro nos anais mundanos dêsse hotel. Receita, 2.876$90. Despeza, 372$50. Líquido entregue ao prior da Curia, 2.504$40.

NO CASINO ESTORIL

Na tarde do dia 25 do passado mês de Setembro, realizou-se no salão do restaurante do Casino Estoril, gentilmente cedido pela direcção, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte as seguintes sr.as D. Alice de Sousa e Melo, D. Amélia Rezende da Silva de Melo, D. Antónia de Saldanha Marrecas Franco, D. Branca da Silveira e Silva, D. Branca de Sommer de Andrade, D. Cândida Luppi Santos Jorge, Condessa de Murça, Condessa de Peniche, D. Engénia da Costa Cardoso, D. Josefina Arbués Moreira, D. Maria Camilia Viana Carneiro Pacheco, D. Maria Emília Martins de Carvalho, D. Maria Leonor de Sousa Madureira e Viscondessa de Santarém, uma festa de caridade, cujo produto se destinava a favor da Casa de Trabalho do Estoril e que constou de «chá», durante o qual se exibiram em vários numeros alguns dos nossos teatros, que mais uma vez tiveram ocasião de pôr em destaque as suas belas faculdades artísticas, recebendo da selecta assistência fartos aplausos.

A comissão organizadora deve decerto ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro como mundano.

Casamentos

Celebrou-se na Basílica da Estrêla, o casamento da sr.ª D. Blanche Vincent, gentil filha da sr.ª D. Ane Margueritte Fernande Flocon Vincent e do sr. Artur Vincent, com o distinto clinico sr. dr. Francisco Maria Melquiades da Cruz Sobral, filho da sr.ª D. Sára de Melo Valente da Cruz Sobral e do capitão sr. Henrique da Câmara Cruz Sobral, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª D. Maria Manuela Barba de Menezes Geraldes Vaz Preto, e de padrinhos o sr. Fernand Vincent e o pai da noiva, presidindo ao acto o reverendo coadjutor da freguesia da Lapa, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais do noivo, um finissimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para o norte do país, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência à cerimónia notavam-se as seguintes pessoas:

Condessa da Lapa e filhas, D. Maria Tavares Proença Vaz Preto, Manuel Vaz Preto, D. Manuela Bárbara de Meneses Vaz Preto e filha, senhora de Burnay Sobral, D. Hermínia de Carvalho Peres, dr. Bastos Gonçalves e esposa, dr. Nicolau de Betencourt, dr. Cruz Baião e esposa, dr. Brandão de Vasconcelos, senhora de Viana e filhas, dr. João Jacquet e esposa, dr. Fausto Cansado, dr. Franklin Dias, engenheiro Rogério Cansado e esposa, Gardé e esposa, Capitão Simões e esposa, D. Celeste Agrela e filha, engenheiro Meleiro de Sousa, D. Maria Martins, D. Madalena Reuter, senhora de Pimenta e filha, Jamais, Benjamim Costa e esposa, Kestner D. Maria Cristina e D. Maria do Carmo Barros e Vasconcelos, De Rolf e esposa, Gastão Mendes Barata e esposa, Aníbal de Almeida Brandão e esposa, D. Fernanda Peyssoneau, e menina Van Kingalen, etc.

— Presidido por Sua Eminência o Cardeal Patriarca, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, sendo acolitado durante a cerimónia pelo reverendo dr. Augusto de Araujo, amigo intimo da família, celebrou-se na capela particular da residência de Sua Eminencia com a maior intimidade, o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Newton de Bragança de Oliveira Parreira, com o ilustre professor da faculdade de ciências da Universidade de Lisboa, sr. doutor D. António Augusto Alvares Pereira de Sampaio Forjaz Pimentel, servindo de padrinhos por parte da noiva, sua mãe a sr.ª D. Sara Newton Parreira, seu pai o major do Estado-Maior sr. Carlos António de Bragança de Oliveira Parreira e seu tio o almirante sr. Izaias Newton, antigo lente da Escola Naval, e por parte do noivo sua mãe a sr.ª D. Julieta Gonçalves de Freitas de Pereira Forjaz, sua tia a sr.ª D. Matilde Gonçalves de Freitas Machado e seu tio o general sr. conselheiro Aquiles Machado.

Finda a cerimónia os noivos a-quêm fôram oferecidas grande número de artísticas prendas, partiram para o norte, donde seguirão para o estrangeiro.

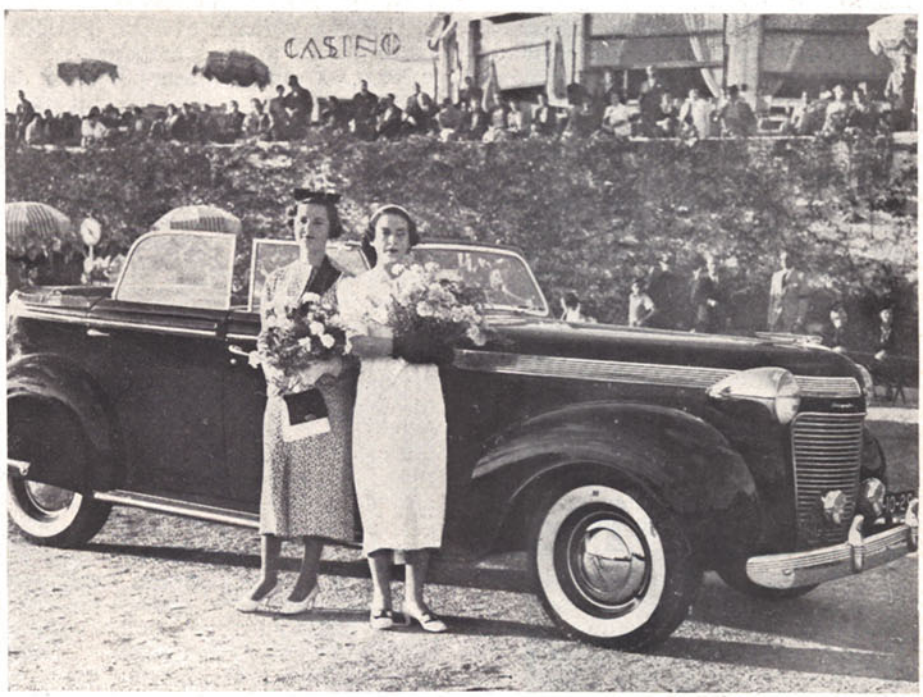
Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Natalina Alcântara Ferreira da Silva, esposa do sr. Albertino Laires Ferreira da Silva, e filha do nosso amigo sr. Vicente Alcântara, empresário dos cinemas Odeon e Palácio. Mãi e filho estão de perfeita saúde.

Baptisados

Na paroquial de Santa Catarina, celebrou-se o baptisado do menino José Maria, interessante filhinho do sr. Joaquim de Sousa Botelho funcionário superior do ministério das Obras Públicas, tendo servido de madrinha a sr.ª Dr.ª D. Carolina Ramos e de padrinho o sr. Dr. João Augusto Mimoso Rôlo distincto médico em Portalegre.

D. NUNO



M.elles Carnide e Pinto Basto que obtiveram o 1.º prémio no «Concurso de Elegância Feminina Automóvel» realizado com extraordinário êxito no Estoril. Pela numerosa e selecta assistência se comprovou o interesse que este carioso certame despertou

DIGRESSÕES EM PORTUGAL

ROMARIAS POPULARES

OS SEUS ENCANTOS E AS SUAS ATRACÇÕES

Em busca da saúde abalada do espírito, causa ou reflexo de males físicos, abalancei-me a Leiria, não minha conhecida. Meditabundo, volteiam-me na mente sombrios pensamentos, que a música monótona e áspera das carruagens mais alimenta. Vou seguindo, de olhar suspiroso, a paisagem árida e sêca de colinas declivosas que bem melhor fôra reverdejarem em floresta humbrosa, tão pujante como a que começa em Dois Portos. O ar tonificante diz-me que estou nas proximidades das Caldas.

Relanceio a vista pela afamada terma, onde as gentes de prazer não se encontram bem com os reumatizados que nela procuram minorar sofrimentos. Melhor se dão nas praias e veraneios luxuosos, no bulício do goso, para ostentação de verdadeiras ou fingidas grandesas. Muito se engana quem, nas demais termas do país ou no litoral marítimo de nomeada, queira encontrar doentes bem carecidos. Poucos são os que ali podem arrastar-se, magníficas sendo tais estancias para quem tem saúde e... dinheiro.

Entro agora na zona extensa do riquíssimo pinhal. As salinadas do mar próximo dilatam-me os pulmões, adocicados pela resina balsámica, soberbo repasto que aspiro com judaica sofreguidão.

Noto com prazer, o aproveitamento da seiva que há poucos anos ainda se escoava exuberante para a atmosfera. Rotina de vergonha, dos nossos preconceitos atrazados, que nos fazia perder quási uma centena de milhar de contos que aproveitamos agora da pobre massa florestal do país, em água-raz e derivados. E a mim próprio vou preguntando porque não revestimos cabeços e montes agrestes, de onde os cereais que se tiram, em culturas de trabalhosa e custosíssima rotação, nos ficam pelos olhos da cara.

* * *

A gare da pitoresca estação leiriense coalha-se de gente. Escondido no meu compartimento, mal pensava que tão acompanhado vinha. Fito, curioso os azulejos da estação de típicas pinturas de paisagens, costumes e monumentos locais, como a das Caldas e de Alcobaça. Agradam-me. Começa a fazer-se turismo.

Mas no mulherio basto que desembarca, já não vislumbro o chapéu característico, o *quico* de outr'ora, de veludo outro tecido pre'o, sobrepondo-se, donairoso, na capa, elegante por vezes, das mulheres que assim se endomingavam. E tive pena. O colorido e a leveza garrida de agora, numa osmose que vai de lez a lez do país, afugenta as tradicionais vestimentas que eram o segrêdo e o orgulho de cada região ou de cada terra. Haverá, dentro em pouco, que substituir aquele quadro de azulejo que nos fala de coisas que vão acabando.

Surpreende-me a abundância do tipo nórdico com que deparo. Nas mulheres nórdico autentico, verdadeiro, e não o que vai de uma garrafada oxigenada, pondo, às vezes, um contraste berrante dos cabelos aloirados, com umas sobrancelhas que teimam em ficar escuras para não desmentirem, corajosamente, uma pele amorenada. Neste pedaço de oeste que percorri, vejo então que o tipo nórdico, que vai do flamengo quási puro ao acastanhado claro, ganha a sua intensidade desde a Figueira até Leiria, esbatendo-se depois até às Caldas.

Dá que pensar esta marcha, nas terras que o montante pesado de Afonso Henriques teve de conquistar, palmo a palmo, à moirama, por tantos séculos insubmissa na peninsula. É verdade que de então para cá, o cadinho étnico peninsular bastas vezes referveu nas misturas caldeantes de holandeses, ingleses, franceses, sei lá...

Como quer que siga, uma conclusão tiro do facto: é que por aqui são apertados os cruzamentos. Pois não o demonstra o aspecto sàdio do povo, geralmente de pequeno porte, mas robusto. Por outro lado, a circunstância de na região ser quási desconhecida a pobreza, por assim dizer, todos possuindo o seu pedaço de terra, mesmo onde se erguem ainda soberbos solares, em quintas magníficas, vem em apoio da conservação do tipo local.

* * *

Mas porque tanta gente hoje desembarca em Leiria, e continuamente, a ela afluem viaturas carregadas, além de numerosas cavaranas que seguem as estradas e caminhos?

É a festa do Senhor dos Milagres, dizem-me.

Com efeito, uma banda de música, fardamento agaloado, na inconstante atracção dos uniformes mais vistosos, mas também os mais pesados, percorre as ruas da cidade, nas saüdações do estilo. Como em tôda a parte, o rapazio acompanha-a, disputando-se as canas dos foguetes e morteiros que sobem e rebentam, ecoando neste formoso vale.

Embora a romaria seja numa povoação a cinco quilómetros da cidade, está numa zona que vai atraindo o pequeno turista, associou-se também. É domingo, bonito, por sinal. Do programa constam, uma corrida de bicicletas, desporto agora obrigatório, uma gincana de automóveis também na voga, e, à noite, bailados cantados por um rancho de tricanas, vindas de Coimbra, terminando com foguetes de artifício, lançados do elegante castelo, quási todo perdido na sua parte decorativa.

Lá na aldeia, o cerimonial religioso, a que milhares de devotos acorreu, ficando para o dia seguinte os folguedos populares e os círios.

Deixo para outra crónica o pitoresco da cidade. Pequenina mas vistosa. Aos pés do elevado e rochoso marco em que se ergue o castelo, em volta de ruelas estreitas, acumula-se o casario antigo. E, modernamente, esbracejando um pouco ao largo do ridente Liz e pelas colinas próximas, as novas construções do interessante burgo.

Namoram-me, desde logo, o lindíssimo passeio público, de artística jardinagem, esmeradamente cuidada, com seu arvoredo em acolhedora copagem, ao longo do rio, e o belo parque na outra margem. A praça ampla e vistosa que lhes dá acesso, de moderna topografia e com algumas edificações também recentes, enriquece o conjunto.

Quási uma dezena de ases locais do ciclismo, por sinal destoando pela nobreza, o que é frequente nos nossos meios desportistas, a desdizer de escusadas inovações, num país tão rico de jogos avigorantes, faz as voltas marcadas à cidade, no meio de pequeno entusiasmo popular. O rapazio acolhe com algumas palmas o triunfador, pingando suor, uma estafa que me dá pena. Mais interêsse desperta depois a gincana, realizada no terreiro vasto, destinado ao mercado semanal e contiguo ao jardim. As peripécias do costume, na atrapalhação das senhoras que acompanham os concorrentes. O rancho coimbrão, com sua bandeira,

Vista de Leiria

vem postar-se ao lado da banda, que executa algumas músicas a entreterem os assistentes. Noto a falta das famílias gradas da terra. Estão a veranear, nas termas e praias, como se os ares salubérrimos da região não desafiassem tôdas as doenças.

À noite, na extensa e frondosa alameda, engalanada e atraente, o ranchо de tricanas, num tablado erguido a propósito, exibe os seus bailados típicos. Uma orquestra apropriada, em notas de alegre vivacidade, entoa as canções que os pares batem e acompanham num rítmo saltitante de saudável entusiasmo. Um casal pequenino, em volta do tablado, envergando também os trajos característicos do bando, ensaia-se na vistosa coreografia dos pais, roubando-lhes muitos dos aplausos. Eterna e deliciosa infância.

No intervalo dos bailados coimbrões, as raparigas da terra, dançam animadamente, na cadência da banda. Poucos pares distinguem a natureza da música, arrastando-se, uns, no voltear estonteante, uma ânsia sàdia de viver, enquanto outros, mais prosaicos, um enlanguescimento dolente, se apertam os peitos arquejantes, embora conhecimentos de momento. São assim as danças populares, de inocente simplicidade, ou de voluptuoso despertar de prazeres.

À meia noite, das muralhas seculares do castelo, rompem os foguetes policromos, na escuridão plúmbea do espaço. Recorta-se então nitidamente a silhueta esbelta da medieval fortaleza, em que perduram apenas alguns dos seus primitivos lavores arquitectónicos e três soberbas ogivas góticas da galeria que deve ter sido bela. Fazem pena, no seu isolamento. Ao que parece, procura-se reconstituir um pouco daquele primor da pedra, nas obras de algum restauro que se arrastam na pequenez da verba.

Enquanto, no dia seguinte, aguardo uma das muitas camionetas que conduzem os romeiros para o local da festa, alguém me aponta a casa em que o fino burilador Eça de Queiroz escreveu ou pelo menos esboçou *O Crime do Padre Amaro*. Se não ficou uma joia literária, como no-la deu na *Cidade e as Serras*, deixou-nos o grande escritor naquela obra um tema de sempre sugestiva actualidade.

* * *

Gosto das romarias populares. São elas que humanizam o culto católico. O segredo do seu triunfo está nas tradições multi-seculares do paganismo puro que a Egreja adoptou. Tirem-lhe esse culto do belo; acabem com os fogos artísticos, que simbolizam a mais perdurável de todas as religiões; dispam de imagens os templos, como cópias adaptadas do helenismo criados de supremas belezas, na pedra lavrada dos seus deuses e heróis e os santuários católicos ficarão quási desertos. Falece já hoje o misticismo puro que tornam possíveis os templos primitivos, como uma singela cruz erguida, símbolo augusto da fé e da esperança num futuro melhor para a humanidade, sempre sofredora. Só a crença apaixonada dos berberes, dos árabes e de algumas tríbus indianas explica os seus templos nus. Só a recolhida devoção dos protestantes nos fala da simplicidade tocante das suas igrejas. E essa simplicidade, êsse recolhimento, essa devoção, essa preventiva sinceridade do crente, mais me emocionam no silêncio frio das antigas catedrais e mosteiros, como os de Alcobaça e da Batalha.

No centro das suas absides, imponente de sobriedade, a primeira; de primorosos rendilhados pétreos, a segunda, segue-se, solitária, mas triunfante, solene e majestosa, a cruz do Redentor.

Em tal atmosfera de corajosa e sincera abdicação das pompas secundárias, compreendo então bem os sacrifícios dos mártires de tôdas as crenças.

DOMINGOS DA CRUZ.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — 4, 3, 2
Copas — A. V. 8, 6
Ouros — 7, 4
Paus — 5

	N	
Espadas — 5		Espadas — V. 6
Copas — 9, 7	**O** **E**	Copas — D. 5, 4, 2
Ouros — 10, 8, 3, 2		Ouros — R. V.
Paus — R. V. 9	**S**	Paus — 4, 2

Espadas — R. 8
Copas — R. 10, 3
Ouros — A. D. 6, 5
Paus — A

Sem trunfo. *S.* joga e faz 9 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga A. *c.*, **N** balda-se a A. *e.*
S » 6 *e.*, **O** — R. *e.*, **N** — 2 *o.*
N » A. *p.*, **S** — 9 *c.*
N » 3 *o.*; se **E** entra com D. *o.*, **S** cobre com R. *o.* e dá a mão a **O** com o 6 *o.*, fazendo as restantes vasas.

Se **E** não entra da D. *o.*, **S** joga 6 *o.* e faz as restantes vasas.

Questão complicada

(Problema)

Porventura será possivel construir uma cabana quadrada com quatro janelas, uma de cada lado, de modo que cada uma dessas janelas fique virada ao sul?

Se não adivinharem como, no proximo número lho diremos.

O avião e os papagaios

Sucedeu, há anos, uma singular aventura a um avião que partira do aérodromo de Cloncurry, cidade da Austrália, situada a oeste de Queensland.

O aparelho descolara fácilmente, quando um bando de milhares de papagaios se ergueu nos ares e veio descrever circulos em volta do aparelho. Foi uma verdadeira colisão. As hélices atingiram centenas de pássaros, que cairam, mortos, no solo.

Mas o próprio avião, também não foi sem sérios embaraços que se livrou desta estranha luta. O piloto pôde felizmente aterrar, porém os vidros ficaram quebrados, o estôfo da fuselagem arrancado, a hélice partida, enquanto o aparelho todo, semelhante a uma ave de rapina, estava coberto de sangue e de penas.

A maior Bíblia

No Vaticano existe uma Bíblia manuscrita em hebráico, a qual é considerada a maior que há no mundo. Pesa mais de 145 quilos.

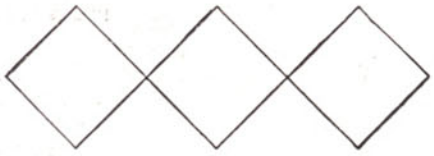
Solas de quási um metro de grossura

Mr. Anton Haushan fez o curiosíssimo calculo de que no percurso de 55.560 quilometros que supõe ter percorrido a pé, durante sete anos, por todo o mundo, rompeu 100 pares de botas. Se, pois, se unissem tôdas as solas dêsses 100 pares, e calculando em 2 milímetros e meio a espessura de cada sola, temos que Mr. Anton Haushan gastou 90 centimetros e meio de coiro.

Antigamente (até 1915) consideravam-se em todo o mundo como principais países cultivadores do chá, as Indias Inglesas, Ceilão, o Japão e a China. Mas os holandeses, em poucos anos, conseguiram tornar Java um grande centro de cultura de chá, tendo já em 1915 mais de 20.000 hectares desta cultura. O governo holandês, facilitando o desenvolvimento, conta dentro de poucos anos tornar Java um grande mercado de chá.

Três quadrados

(Solução)



Energia eléctrica dos peixes

Um sábio francês fez, há poucos anos, interessantes comunicações ácêrca das propriedades eléctricas dos peixes. Segundo as suas exposições a fonte da energia eléctrica que se encontra nesses animais acha-se centralisada na parte mais pesada do cérebro, compreendendo cêrca da quinquagésima parte do corpo.

Torna-se interessante saber que foi por um absoluto acaso que se descobriu em alguns peixes a energia eléctrica. Assim, verificou-se, certo dia, que umas lontras que pretendiam apoderar-se de uma enguia, caíam fulminadas pelo simples contacto com o corpo dêsse animal, e curioso é também o facto de se comprovar que as moléculas cerebrais das enguias estão dispostas de forma absolutamente idêntica à das partes componentes de uma bateria eléctrica.

Por mais insignificante que esta observação pareça, em síntese, ela transmite-nos, comtudo, a impressão absoluta de que tôdas as invenções do século actual se baseiam mais ou menos nos princípios da constituição física animal e leva-nos a concluir que os grandes inventos da era em que vivemos, mais ou menos plagiados, são de grande ensinamento que reside na própria natureza.

Quadrado mágico

(Problema)

	21			8
19		3	25	
23	15			
		22	13	
12	18		1	

Com os que aqui faltam dos primeiros 25 números preencham-se as casas do quadrado, de modo a obter-se o mesmo total em cada fila, tanto horizontal como verticalmente, e bem assim nas duas grandes diagonais.

Biblioteca volante

Em meados de 1936, inaugurou-se no Pacífico a primeira biblioteca volante, transportada a bordo do *Flying Clipper*, afamado avião transpacífico americano.

Wake e Midway são duas pequenas ilhas da Polinésia, providas, cada uma, dum aéroporto, para serviço das linhas aéreas regulares. Os poucos guardas-mecânicos que ali se encontram, vêem-se habitualmente muito sós e ociosos. Um dêles lembrou-se um dia de mandar pedir a uma livraria de Hawaï um livro sôbre a variedade de conchas que abundam aos milhares nas praias dos arquipélagos. Os seus companheiros logo pediram também, um, romances, outro, livros históricos, etc,

De forma que de então para cá o *Flying Clipper*, em cada uma das suas viagens, leva vinte e cinco volumes aos isolados de Wake, retoma os vinte e cinco já lidos e vai levá-los aos solitários de Midway que, por sua vez, lhe restituem os que já leram com avidez, para os tornar a levar para Honolulu.

Assim se fecha o círculo e durante as noites quentes do Pacífico, numerosos leitores estão entretidos com a leitura de Shakespeare, de Carlyle ou de Edgar Wallace.

— Empresta-me o seu barco? Prometi ao meu noivo encontrar-me com êle junto ao rochedo grande, mas cheguei um pouco mais tarde.

(Do «Tit-Bits»).

Um grande sucesso de livraria

À VENDA A 8.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **13$50**

Pedidos aos editores:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

CASA DAS GABARDINES

A INICIADORA DO FABRICO EM PORTUGAL

Premiada com medalha de ouro na 1.ª Exposição Colonial Portuguesa

Séde: R. DE SANTA CATARINA, 134 a 138

Telefone: 2698-PORTO

CASA DAS CASIMIRAS

Filial: AVENIDA DOS ALIADOS, 1 a 5

DE *Guilherme Joaquim Vieira*

No dia 1.º de Outubro inaugura-se a estação de inverno, animado pelo sucesso cada vêz mais crescente das gabardines desta casa. Sortimento ainda mais variado que os últimos anos.

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

BAUME BENGUÉ

Apr. D. S. P. em 05 1913 sob o N.º 28

RHEUMATISMO-GOTA NEVRALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.ª edição de

NEVES DE ANTANHO

do CONDE DE SABUGOSA

Ignez Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Côrte de D. João III. — Desculpa de uns amores. — A filha de D. Pedro Nunes. — Sóror Violante do Céo. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

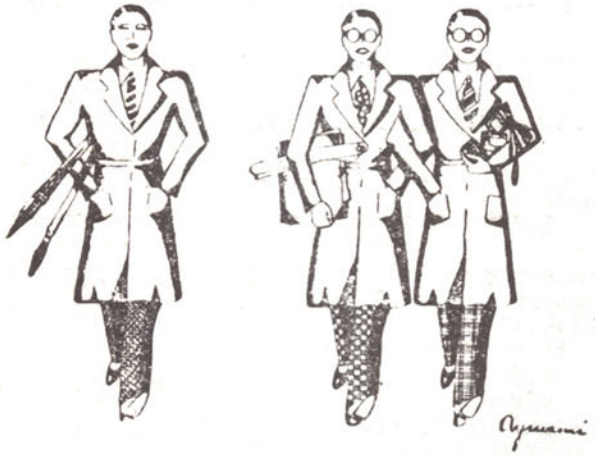
1 volume de 318 págs., brochado . . . . . **12$50**
Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE 2 1368

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

Á VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A língua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o "Greco" — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata..... 12$00
Pelo correio à cobrança... 14$00

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

À venda

SAMUEL MAIA

ÊSTE MUNDO E O OUTRO

O outro mundo — Arca de Noé — Êste mundo de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo de 1935 — Tempo de 1936 — Juizo final

1 volume de 298 págs., brochado . **12$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Prémio Ricardo Malheiros

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:
O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12$00** enc. . . **17$00**
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... 15$00
Pelo correio, à cobrança ..... 16$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA
Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24$00
Pelo correio à cobrança, Esc. **27$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca.**

Um formosíssimo volume ilustrado
6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

OBRAS
DE
JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

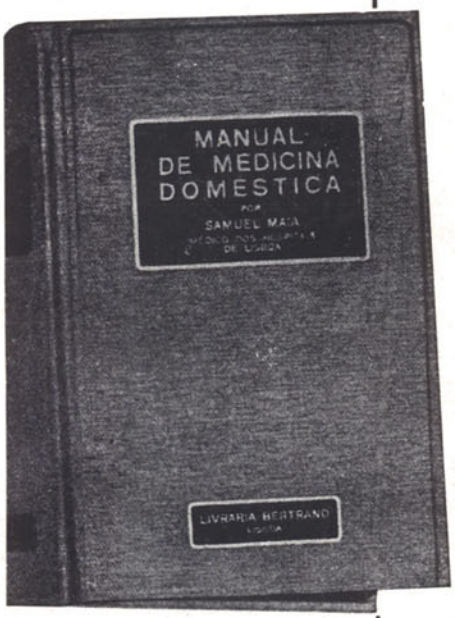
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente**, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

Ao ar livre...

Para piqueniques... nos acampamentos de escoteiros..., quando se queira cozinhar com rapidez, os Fogareiros Vacuum, leves e práticos, prestam sempre bom serviço.

Consomem 1 1/2 decilitro de petróleo por hora e fervem 1 litro de água em 2 minutos.

FOGAREIROS VACUUM

USAR SEMPRE
PETROLEO
VACUUM
SUNFLOWER

1598